

ROBLEDO ESTEVES SANTOS PIRES

O AMOR É UMA VIAGEM:
A TEORIA COGNITIVISTA DA METÁFORA E O DISCURSO AMOROSO
NO CANCIONEIRO POPULAR BRASILEIRO

Juiz de Fora
2008

ROBLEDO ESTEVES SANTOS PIRES

O AMOR É UMA VIAGEM:
A TEORIA COGNITIVISTA DA METÁFORA E O DISCURSO AMOROSO
NO CANCIONEIRO POPULAR BRASILEIRO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Margarida Martins Salomão.

Juiz de Fora
2008

ROBLEDO ESTEVES SANTOS PIRES

O AMOR É UMA VIAGEM:
A TEORIA COGNITIVISTA DA METÁFORA E O DISCURSO AMOROSO
NO CANCIONEIRO POPULAR BRASILEIRO

Dissertação de Mestrado submetida à Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito à obtenção do título de Mestre em Linguística e aprovada pela seguinte banca examinadora:

Prof^ª. Dr^ª. Maria Margarida Martins Salomão – Orientadora – Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^ª. Dr^ª Neusa Salim Miranda – Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^ª. Dr^ª Solange Coelho Vereza – Universidade Federal Fluminense

Juiz de Fora
2008

À minha adorável esposa Gessila, com quem há vinte anos tenho o privilégio e a honra de trilhar os caminhos do amor, o prazer da sua companhia enaltece cada momento vivido.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Professora Margarida Salomão, pela excelência de seu trabalho junto à Lingüística Cognitiva. Seus ensinamentos descortinaram horizontes filosóficos e iluminaram minha vida. Minha eterna gratidão pela confiança, paciência, cordialidade e pelo profissionalismo que marcaram minhas orientações.

À minha esposa Gessila e aos meus filhos Luana, Douglas e Isabela, pelo carinho, pela confiança e pelo ambiente harmonioso, fundamentais para que eu pudesse dedicar-me com afinco a este trabalho.

Aos meus pais Geraldo e Helenice, pela dedicação em proporcionar-me uma formação moral e por me fazerem acreditar na importância do desenvolvimento intelectual.

À minha Vó Ude, pelo exemplo de vida.

Aos meus irmãos Rodrigo e Robinson, pelo apoio e pela amizade revigorantes, é uma honra tê-los como irmãos.

À Ana Amoroso, Neusinha, Margarida e Rodrigo, por acreditarem que eu seria capaz de tornar-me um mestre em Lingüística, mesmo diante das minhas poucas virtudes, meu eterno agradecimento.

A todos os coordenadores, professores e demais funcionários do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal de Juiz de Fora, pelo empenho em nos oferecer uma formação de excelente qualidade.

Aos colegas de mestrado, pela convivência amistosa durante essa empreitada acadêmica, meus sinceros agradecimentos por partilharem comigo os desafios, as angústias, os momentos difíceis e os vitoriosos, foram experiências de que jamais me esquecerei.

À CAPES, pelo apoio financeiro, e ao CEFET – Rio Pomba, especialmente na figura do seu Diretor, Professor Mário Sérgio Costa Vieira, minha gratidão pela oportunidade e pelo incentivo.

RESUMO

O presente estudo expõe e debate a teoria cognitivista da metáfora conceptual, inclusive em sua mais recente versão, a Teoria Neural da Metáfora. O estudo acolhe críticas a estas teorias mostrando, através de uma pesquisa de corpus, que as metáforas conceptuais para o Amor sujeitam-se à diferenciação em gêneros textuais e lexicalizam-se considerando fatores culturais e discursivos contextualmente relevantes.

ABSTRACT

This study states and debates the cognitivist theory of conceptual metaphors, included its latest version – The Neural Theory of Metaphors. The present research accepts some of the criticisms directed to the theory of conceptual metaphor by showing that the distribution of the metaphors for Love, in the corpus under consideration, is sensitive to the kind of discourse that uses them; furthermore, the lexicalization of the metaphors is also sensitive to cultural factors, contextually relevant.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	09
2. O TRATAMENTO COGNITIVISTA DA METÁFORA.....	12
2.1 Antecedentes Filosóficos e Epistemológicos.....	12
2.2 A Emergência da Teoria Conceptual da Metáfora.....	17
2.3 A Teoria Neural da Metáfora.....	26
2.3.1 Caracterização Geral.....	26
2.3.2 As Bases Corporificadas da Mente.....	26
2.3.3 O Conceito de Inconsciente Cognitivo.....	30
2.3.4 A Metáfora e a Teoria Neural da Linguagem.....	31
2.4 Questionamentos Contemporâneos à Abordagem Lakoffiana da Metáfora.....	37
2.4.1 As Bases Metonímicas das Metáforas.....	37
2.4.2 A Natureza Discursiva/Pragmática da Metáfora.....	39
2.4.3 A Dimensão Cultural da Metáfora.....	42
2.4.4 Metáforas Conceptuais como um Tipo de Mesclagem.....	43
2.4.5 Metáforas Conceptuais versus Metáforas Lexicais.....	46
3. ESTUDO DAS METÁFORAS DO AMOR NO CANCIONEIRO POPULAR BRASILEIRO.....	49
3.1 Quadro Hipotético.....	49
3.2 Metodologia.....	51
3.3 Análise e Exemplificação das Metáforas Atestadas no Corpus.....	56
3.4 Distribuição no Corpus das Metáforas Conceptuais Atestadas.....	71
3.5 O AMOR É UMA VIAGEM CONJUNTA.....	75
4. CONCLUSÕES.....	79
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	81
ANEXO.....	83

QUADROS

QUADRO 1 – Organização de Mapeamentos Metafóricos no Corpus.....	53
QUADRO 2 – Expressões Lexicais no Domínio Fonte Metafórico e Motivações Culturais Refletidas.....	76

TABELAS

TABELA 1 – Dimensão e Distribuição do Corpus.....	51
TABELA 2 – Incidência das Metáforas Conceptuais Amorosas Complexas.....	71
TABELA 3 – Descrição e Percentual Global e Distribuído de Ocorrências de Metáforas Conceptuais Amorosas Complexas.....	72
TABELA 4 – Descrição e Quantificação de Tipos de Motivações Culturais concernentes à Metáfora O AMOR É UMA VIAGEM CONJUNTA.....	77

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo tenciona apresentar e discutir a abordagem lakoffiana da metáfora como dimensão fundamental da linguagem e da cognição.

A base teórica deste trabalho repousa no debate sobre a metáfora, praticado no interior da Linguística Cognitiva (Lakoff e Johnson 1980, 1999; Lakoff 1993, 2006, 2008; Fauconnier e Turner 2002; Barcelona 2003; Gallese 2005; Gibbs 1999; Kövecses 1999; Martins 2005; Feldman 2006; Svanlund 2007), aproveitando-nos de sua multidisciplinaridade programática e da riqueza de investigações sobre este tema, acumuladas ao longo dos últimos trinta anos.

A plataforma teórica do cognitivismo de orientação johnson-lakoffiana evidencia a importância do corpo humano nas teorias da linguagem e do sentido. Sob o paradigma epistemológico denominado “realismo corporificado” (*embodied realism*), Lakoff e Johnson defendem a necessidade de se postularem e se pesquisarem empiricamente estruturas pré-conceptuais da experiência – padrões ou *gestalts* que emergiriam da experiência direta de nossos corpos no mundo.

Em contribuição complementar, na área das ciências cognitivas, Feldman 2006 propõe que a formatação dos nossos circuitos neurais, produto da corporificação de nosso funcionamento no mundo, determina o modo como adquirimos a linguagem e seu correspondente sistema conceptual. De acordo com ele, uma teoria da linguagem corporificada deve basear-se em três princípios fundamentais: (i) o pensamento é uma atividade neural estruturada; (ii) a linguagem é inseparável do pensamento e da experiência; (iii) o estudo da linguagem deve ser explicitamente baseado nesses princípios.

Esse enfoque das bases neurobiológicas e cognitivas da linguagem não implica a exclusão nem a secundarização dos fatores interacionais, sociais e culturais no uso e na

construção da linguagem. Não é o caso de praticar uma perspectiva descontextualizada da estrutura lingüística; pelo contrário, as mentes individuais não são entidades autônomas, mas corporificadas, encarnadas e altamente interativas com o ambiente, nele destacado o contexto social.

Nos termos de Kövecses 1999, postulamos que as metáforas devam ser concebidas, simultaneamente, como fenômenos lingüísticos, conceptuais, neurais, sociais e culturais; sua universalidade e variedade dependem da base neuro-corporal e da experiência sociocultural dos usuários da linguagem.

A Lingüística Cognitiva reconhece explicitamente não só que a capacidade para a linguagem se fundamenta em capacidades cognitivas gerais, mas também que essas capacidades são culturalmente situadas e definidas. Assim se compaginam e se interligam na cognição e na linguagem fatores universais, diretamente ligados ao fato de os indivíduos terem a mesma estrutura biológica e interagirem num mundo basicamente igual para todos, e fatores culturalmente específicos.

Outro ponto considerado em nossa discussão é a graduação na convencionalidade de itens lexicais do domínio fonte metafórico, proposta por Svanlund 2007. Em sua abordagem, Svanlund argumenta que a relação entre os níveis conceptual e lexical vai além de mapeamentos entre domínios: há que se considerar os significados específicos de cada item lexical, os quais são entrincheirados no léxico mental, juntamente com padrões de construção e de colocação. Em consonância com essa perspectiva, argumentamos que o grau de convencionalidade lexical desempenha um importante papel na formação e no desenvolvimento dos significados metafóricos.

A escolha da metáfora O AMOR É UMA VIAGEM como foco de nossa análise não foi casual. Sabemos tratar-se de uma das metáforas mais estudadas na literatura lakoffiana, justamente por ilustrar de forma rica e complexa o mapeamento metafórico da

Estrutura dos Eventos. Por isso mesmo, por tratar-se de metáfora carregada de projeções virtualmente universais, entendemos que sua expressão lingüística em um domínio de usos altamente vernacular, como é o cancionero popular brasileiro, nos permite verificar o peso de fatores culturais e contextuais na sua convencionalização lexical. Acreditamos que o presente estudo verifique esta hipótese.

No segundo capítulo, apresentamos um estudo panorâmico da visão cognitivista da metáfora, desde os estudos fundadores de 1980 até a consolidação da Teoria da Metáfora Conceptual e sua paulatina transformação na Teoria Neural da Metáfora. Incluímos neste capítulo alguns dos questionamentos que reputamos mais importantes a esta linha teórica.

O terceiro capítulo apresenta o quadro hipotético e a metodologia que empregamos – de investigação da metáfora em um corpus real. Este capítulo também expõe nossos resultados qualitativos e quantitativos: a descrição detalhada de todas as metáforas para AMOR que atestamos e sua correspondente expressão lingüística; a distribuição quantitativa destas metáforas; e o estudo, mais minucioso, da metáfora conceptual O AMOR É UMA VIAGEM.

O último capítulo oferece nossas conclusões deste estudo, também uma viagem por muitas estações – viagem inconclusa como toda investigação científica, mas que permite ao viajante descobrir-se a si mesmo enquanto experimenta o seu caminhar.

2. O TRATAMENTO COGNITIVISTA DA METÁFORA

2.1 Antecedentes Filosóficos e Epistemológicos

Desde a antiguidade grega, é consenso entre os tratadistas que a cultura ocidental apresenta uma tensão entre arte e verdade. A arte era associada à poesia e ao teatro, e isto conferia a ela um *status* ilusório e capcioso em relação à verdade.

Figura exponencial entre os filósofos daquela época, Platão viu a poesia e a retórica com suspeita e banuiu a poesia de sua utópica República, porque acreditava que ela não oferecia nenhuma verdade por si mesma, só fazendo atizar as emoções e, desse modo, cegar a espécie humana para a realidade (Lakoff e Johnson 2002, p. 299).

Ao contrário de Platão, Aristóteles atribuía um valor positivo à poesia e, em particular, à metáfora:

É uma grande coisa, de fato, fazer uso adequado das formas poéticas,... Mas o mais importante, de longe, é ser um mestre da metáfora (Poética 1459^a apud Lakoff e Johnson 2002, p. 299);

(...) as palavras comuns transmitem somente o que já sabemos; é pela metáfora que podemos melhor produzir algo novo (Retórica 1410b apud Lakoff e Johnson 2002, p. 299).

A assim chamada Teoria Clássica da Metáfora foi inaugurada por Aristóteles, no século IV a.C. A concepção aristotélica da metáfora assentava-se na linguagem verbal, i.e., as palavras é que seriam objeto da transformação metafórica. Deste modo, a interpretação de uma metáfora implicaria necessariamente um desvio do sentido literal da palavra para o seu sentido livre.

Embora a teoria aristotélica do funcionamento metafórico seja o fundamento da Teoria Clássica da Metáfora, sua argumentação sobre a capacidade de a metáfora produzir conhecimento nunca foi retomada no pensamento filosófico moderno. Lakoff e Johnson 1980

explicam que o surgimento da ciência empírica como modelo da verdade fez com que a suspeita em relação à poesia e à retórica dominasse o pensamento ocidental, tornando a metáfora objeto de menosprezo.

O uso metafórico tornou-se indesejável no discurso científico, que deveria se utilizar exclusivamente da linguagem literal, considerada clara, precisa e determinada. Na perspectiva clássica, portanto, a ciência se faz com a razão e com a linguagem literal, enquanto a poesia se faz com a imaginação e com a metáfora.

A metáfora foi então incluída na classificação genérica de *tropos*, que, enquanto artifício literário ou retórico, consistia na representação mais nobre e essencial do embelezamento da linguagem vulgar. Nota-se, pois, que havia uma dissociação nítida entre linguagem e metáfora: esta seria utilizada pela linguagem somente com o intuito de alcançar determinado efeito discursivo, restringindo-se a ser simples adereço do pensamento, um ornamento lingüístico sem nenhum valor cognitivo, uma representação alegórica das vivências reais, como a retórica clássica parecia fazer crer.

O predomínio da visão retórica da metáfora na cultura ocidental justifica-se pelo que Lakoff e Johnson 1980 denominaram “mito do objetivismo”. A tradição objetivista, chamada de “metafísica” por filósofos da linhagem heideggeriana, englobou correntes filosóficas, tais como o Racionalismo Cartesiano, o Empirismo, a Filosofia Kantiana e o Positivismo Lógico, entre outras, prevalecendo na cultura ocidental, desde os pré-socráticos até os nossos dias. “*A idéia de que podemos ter acesso a verdades absolutas e incondicionais sobre o mundo é o pilar da tradição filosófica ocidental*” (Lakoff e Johnson 2002, p. 305).

Do ponto de vista da tradição filosófica, o sentido objetivo não é o “sentido para alguém”. As expressões de uma língua natural possuem um sentido independente da compreensão humana – é o que Frege chamou de “*sentido descorporificado*” (Lakoff e Johnson 2002, p. 310). Deste modo, palavras e frases deveriam ser tratadas como objetos que

têm propriedades inerentes e relações fixas umas com as outras, independentemente de quem as pronuncie ou compreenda. Esta foi a premissa da lingüística “objetivista”, desde a sua origem na antiguidade até o presente momento.

Lakoff e Johnson 1980 explicam que a possibilidade de uma concepção de verdade objetiva, independente da compreensão humana, tornou factível, dentro da perspectiva filosófica tradicional, uma teoria do sentido baseada em uma teoria da verdade.

Sob a concepção objetivista da verdade, é possível uma sentença, por si mesma, corresponder ou não ao mundo – caso corresponda, a sentença é verdadeira; caso contrário, é falsa. Deste modo, compreender o sentido objetivo literal de uma sentença é compreender as condições sob as quais essa sentença seria objetivamente verdadeira ou falsa. Todavia, os adeptos da concepção objetivista reconhecem que, em dado contexto, uma frase possa ser compreendida com um significado diferente do sentido objetivo literal – esse outro sentido é geralmente denominado “*sentido do falante*” ou “*sentido do enunciador*” (Lakoff e Johnson 2002, p. 318). Neste caso, teríamos dois sentidos distintos: o sentido objetivo da sentença (objeto da semântica) e o sentido a ela atribuído pelo falante (objeto da pragmática).

Esse procedimento, popularizado pelos teóricos dos atos de fala, foi adaptado à tradição objetivista como meio de obter o “sentido para alguém” a partir do sentido objetivo da sentença, i.e., a partir de suas condições objetivas de verdade ou de falsidade. Desta maneira, por exemplo, a enunciação “*Como é amargo viver sem você*” teria, pela explicação objetivista, um sentido objetivo literal falso, qual seja, *viver sem amor é amargo* – o sentido literal é falso, pois a vida não é algo comestível. Entretanto, a enunciação poderia significar pragmaticamente que *viver sem seu amor é triste e angustiante*. Assim, o ouvinte partiria da enunciação para alcançar o sentido pretendido pelo falante (*viver sem amor é triste e angustiante*) a partir do sentido “objetivo” da sentença (*viver sem amor é amargo*).

De acordo com os postulados objetivistas, todas as metáforas são casos de significação indireta, em que o sentido objetivo literal da sentença é diferente do sentido do falante (Lakoff e Johnson 2002, p. 320).

Em grandes linhas, essa visão de sentido e de metáfora encontra-se entre nós desde a época dos gregos. Não obstante, em meados do século XX, começou a desenvolver-se uma mudança radical desse quadro.

*O dogma da metáfora como figura de retórica com todas as suas implicações começa a ser questionado nas suas bases, primeiramente por Richards (1936), Bearsdley (1958) e Black (1962). Há também a influência dos estudos de Ricoeur sobre a hermenêutica da metáfora e dos trabalhos de Heidegger e Derrida, que tratam a questão ontológica ou metafísica relativa ao significado da metáfora. Entretanto, é na década de 1970 que ocorre uma mudança paradigmática marcante, conduzindo a uma reformulação profunda da maneira de conceber a objetividade, a compreensão, a verdade, o sentido e a metáfora (ZANOTTO, Mara Sophia (coord.) **Metáforas da vida cotidiana**. 2002, p. 12).*

Essa mudança paradigmática, que remonta a uma mudança na Lingüística, ocorrida na segunda metade do século XX, rejeita o pressuposto objetivista e suas implicações, recusando a possibilidade de qualquer acesso transcendental à realidade, do ponto de vista epistemológico.

A idéia central do novo paradigma é de que a cognição é o resultado de uma construção mental. O conhecimento da realidade, tenha sua origem na percepção, na linguagem ou na memória, precisa ir além da informação dada. Ele emerge da interação dessa informação com o contexto no qual ela se apresenta e com o conhecimento preexistente do sujeito conhecedor (Ortony 1993, pp. 1-2).

A rejeição ao enfoque objetivista não implica necessariamente uma adesão ao assim denominado “mito subjetivista”, em que a verdade é obtida apenas por meio da imaginação, independentemente das circunstâncias externas. Na verdade, há uma terceira opção, uma síntese experiencialista, que oferece uma hipótese explicativa da compreensão e

da verdade, através da investigação de metáfora, já que aí se unem razão e imaginação (Lakoff e Johnson 2002, p. 302).

A razão envolve, no mínimo, categorização, implicação e inferência; a imaginação, em um dos seus muitos aspectos, permite que se veja um tipo de coisa em termos de outro tipo de coisa, produzindo o que denominamos “pensamento metafórico”. Deste modo, Lakoff e Johnson 1980 postulam que o fenômeno metafórico constitua um tipo de racionalidade imaginativa, fundada na experiência vivida.

Há, por detrás dos mitos objetivista e subjetivista, uma motivação em comum, qual seja, a preocupação com a compreensão. Lakoff e Johnson 1980 argumentam que os objetivistas almejam compreender o mundo exterior, a fim de poder nele agir eficientemente; sua preocupação com a verdade surge de uma preocupação com um funcionamento bem-sucedido no mundo. Dada a visão que cultivam, do ser humano separado de seu meio, um funcionamento bem-sucedido no mundo consiste em dominar o meio em que se vive – afinal, são exemplos de metáforas objetivistas que o CONHECIMENTO É PODER e que A CIÊNCIA PRODUZ O CONTROLE DA NATUREZA. Todavia, o “mito do objetivismo” deixa escapar o fato de que a compreensão e, portanto, a verdade são necessariamente relativas aos nossos sistemas conceptuais históricos, e que não podem ser enquadradas em um sistema conceptual absoluto ou neutro. Também deixa escapar que os sistemas conceptuais humanos são de natureza metafórica e envolvem uma compreensão imaginativa de uma coisa em termos de outra.

Por outro lado, “subjetivistas” estão centrados nos aspectos interiores da compreensão, no envolvimento da individualidade, e creditam enorme confiança aos sentimentos, à intuição e aos valores pessoais. Entretanto, o “mito do subjetivismo” deixa escapar que nossa compreensão, mesmo nossa compreensão mais imaginativa, produz-se em termos de um sistema conceptual fundamentado pelo nosso funcionamento bem-sucedido em

nossos ambientes físico e cultural. Deste modo, não se leva em conta o fato de que a compreensão metafórica sempre envolve implicação metafórica, base das formas mais imaginativas da racionalidade.

A abordagem experiencialista admite que a verdade é relativa e que nosso sistema conceptual é forjado, e constantemente testado, por nossas interações diárias com outras pessoas e com nosso ambiente físico e cultural. Nesta perspectiva, o homem só existe como parte de seu meio; sua constante interação com o ambiente físico e com as outras pessoas tem primazia absoluta e produz uma mútua e essencial transformação, ou seja, o ser humano transforma o meio em que existe e, ao mesmo tempo, é transformado por ele (Lakoff e Johnson 2002, p. 348).

2.2 A Emergência da Teoria Conceptual da Metáfora

Conforme pudemos observar, nas teorias tradicionalistas: (i) a metáfora é considerada assunto de linguagem, e não de pensamento; (ii) o sentido metafórico reduz-se a um modo indireto de falar sobre algum sentido objetivo (ou seja, é pura pragmática) e (iii) as expressões metafóricas não podem pertencer ao domínio da linguagem ordinária ou literal, porque não passam de ornamentos lingüísticos, sem nenhum valor cognitivo.

Entretanto, como já mencionamos, em meados do século XX, o dogma da metáfora como figura de retórica começou a ser questionado, culminando em uma mudança paradigmática que implicou uma reformulação profunda da maneira de concebermos a objetividade, a compreensão, a verdade, o sentido e a metáfora.

No novo paradigma, a metáfora passou a ter seu valor cognitivo reconhecido, mudando seu *status* de simples figura de retórica para o de operação cognitiva fundamental. O

locus da metáfora deixou de ser a linguagem e passou a ser o modo pelo qual conceptualizamos um domínio mental em termos de outro domínio mental.

As generalizações que governam as expressões metafóricas poéticas não estão na linguagem, mas no pensamento: elas são mapeamentos gerais entre domínios conceptuais. Além disso, esses princípios gerais que tomam forma de mapeamentos conceptuais não se aplicam somente às expressões poéticas novas, mas também à linguagem ordinária (Lakoff 1993, p. 203).

A linguagem metafórica passou a ser vista como a manifestação verbal da nossa capacidade de conceptualização. Ela permite o entendimento de um domínio abstrato em termos de outro domínio mais concreto e, portanto, mais inteligível. Assim, cada mapeamento representa um conjunto de correspondências entre entidades de um domínio fonte a um domínio alvo. Uma vez estabelecidas estas correspondências, padrões de inferência concernentes ao domínio fonte são projetados sobre o domínio alvo, proporcionando uma lógica para a compreensão deste domínio. Em suma, a Teoria Contemporânea da Metáfora (Lakoff 1993) sustenta que a metáfora é um fenômeno primariamente conceptual e convencional que integra o sistema ordinário do pensamento e da linguagem.

Em 1979, Reddy brindou-nos com um ensaio denominado “*The conduit metaphor*”, no qual investigava, em enunciados lingüísticos, a maneira como conceptualizamos metaforicamente o conceito de comunicação. Estabelecendo generalizações sobre volumosos exemplos, Reddy foi quem primeiro demonstrou que o *locus* da metáfora é o pensamento, e não a linguagem (Lakoff 1993).

Seguindo a trilha deixada por Reddy, Lakoff e Johnson trataram mais explicitamente a metáfora do conduto, constatando generalizações (metáforas conceptuais ou conceitos metafóricos) que governam expressões lingüísticas individuais, até então consideradas meras metáforas mortas (Lakoff 1993; Gibbs 1999).

Em 1980, Lakoff e Johnson escreveram *Metaphors we live by*, uma obra revolucionária que postulava a sistematicidade das expressões metafóricas convencionais

como uma importante evidência do pensamento metafórico cotidiano. Investigando expressões lingüísticas corriqueiras, Lakoff e Johnson descobriram um sistema conceptual metafórico subjacente à linguagem, que influenciaria substancialmente nosso pensamento e nossa ação.

As evidências estudadas àquela altura em favor da existência de um sistema conceptual convencional metafórico são de cinco tipos (Lakoff 1993, p. 205): (i) polissemias; (ii) padrões inferenciais; (iii) novas expressões metafóricas; (iv) mudanças lingüísticas e (v) experimentos psicolingüísticos.

A metáfora conceptual O AMOR É UMA VIAGEM, por exemplo, caracteriza uma generalização polissêmica e uma generalização inferencial (Lakoff 1993, p. 209). Várias expressões concernentes à linguagem cotidiana do português brasileiro são fundamentadas pela conceptualização do Amor como uma Viagem: “*estamos num beco sem saída*”, “*o destino não quis que o nosso amor fosse em frente*”, “*seu amor desembarcou*”, etc. Segundo Lakoff, expressões como essas não são usadas somente para falar sobre o amor, mas também para raciocinarmos sobre ele.

Como lingüista cognitivista, Lakoff investigou se havia um princípio geral governando a maneira pela qual a expressão lingüística do *frame* VIAGEM pode ser usada para caracterizar o *frame* AMOR. Investigou também se havia um princípio geral que governasse como as inferências relativas a VIAGENS eram usadas para raciocinarmos sobre o AMOR. A conclusão de Lakoff foi de que há um princípio geral e único, o qual não é parte da gramática nem do léxico, mas sim do sistema conceptual que fundamenta a linguagem; um princípio utilizado para compreendermos o domínio do Amor em termos do domínio da Viagem. Este princípio pode ser estabelecido informalmente nos seguintes termos:

Amantes são viajantes em uma viagem conjunta. Seus objetivos de vida em comum são as destinações a serem alcançadas. O relacionamento amoroso é o veículo. Ele permite que os viajantes alcancem seus objetivos comuns conjuntamente. O relacionamento é visto como a realização desses propósitos e permite que os viajantes progridam em direção aos objetivos comuns. A viagem não é fácil. Há impedimentos, e há encruzilhadas onde os viajantes precisam resolver juntos se querem continuar a viagem em comum (Lakoff 1993, p.206).

A metáfora do Amor como uma Viagem é compreendida como um mapeamento do domínio fonte (a VIAGEM) sobre o domínio alvo (o AMOR). Esse mapeamento é fortemente estruturado; há correspondências ontológicas, de acordo com as quais entidades do domínio do AMOR (por exemplo: os amantes, seus objetivos comuns, suas dificuldades, o relacionamento amoroso, etc.) correspondem sistematicamente a entidades do domínio da viagem (os viajantes, o veículo, sua destinação, etc.). O conjunto de correspondências ontológicas oriundas desse mapeamento metafórico caracterizará as correspondências epistêmicas, que nos permitirão raciocinar sobre o amor, utilizando o conhecimento com o qual raciocinamos sobre viagens.

Em seu artigo seminal de 1993, Lakoff expõe:

(...) o que constitui a metáfora conceptual O AMOR É UMA VIAGEM não é nenhuma palavra ou expressão em particular, mas sim o mapeamento ontológico entre domínios conceptuais: do domínio fonte das viagens para o domínio alvo do amor. A metáfora não é somente uma questão de linguagem, mas de pensamento e raciocínio. A linguagem é secundária; o mapeamento é primário. É o mapeamento que torna possível a utilização da linguagem e padrões de inferência pertencentes ao domínio fonte em conceitos do domínio alvo. (...) O mapeamento é convencional, ou seja, ele é parte estabilizada do nosso sistema conceptual e constitui uma estratégia convencional para conceptualizarmos o relacionamento amoroso (Lakoff 1993, p.208).

Lakoff 1993 observa que três características encontradas na metáfora conceptual do AMOR COMO VIAGEM e na metáfora da COMUNICAÇÃO COMO CONDUTO definem a metáfora como uma operação mental cognitiva: (i) a sistematicidade das correspondências lingüísticas; (ii) a estruturação metafórica do raciocínio e das inferências a

ele correspondentes e (iii) a possibilidade de praticar novas extensões a partir dessas correspondências convencionalizadas.

Várias expressões metafóricas discutidas na literatura sobre a metáfora conceptual são também expressões idiomáticas. Na visão clássica, essas expressões idiomáticas possuem significados arbitrários, derivados automaticamente. Os lingüistas cognitivistas, entretanto, postulam a possibilidade de que essas expressões sejam motivadas via combinação de correspondências metafóricas presentes em nosso sistema conceptual (Lakoff 1993, p. 211).

Utilizando a metáfora conceptual O AMOR É UMA VIAGEM, Lakoff 1993 argumenta que a expressão idiomática inglesa “*spinning one’s wheels*” está associada a uma imagem convencional mental, em que as rodas de um automóvel deslizam sobre alguma substância, por exemplo, barro, areia, neve, etc., impedindo que o carro se movimente, mesmo impulsionado por seu próprio motor. Argumenta também que é parte do conhecimento comum associado a essa imagem o fato de que o motor do automóvel gasta certa quantidade de energia, na tentativa frustrada de colocá-lo em movimento, e, ainda, que essa situação só poderá ser modificada, se os ocupantes do veículo encontrarem outra forma de movimentá-lo.

A hipótese de Lakoff, em relação à expressão idiomática metafórica “*spinning one’s wheels*”, é que a metáfora conceptual O AMOR É UMA VIAGEM utiliza o conhecimento vinculado à imagem de um automóvel deslizando suas rodas sem sair do lugar, e mapeia esse conhecimento sobre o conhecimento que se tem a respeito do relacionamento amoroso. Deste modo, inferiremos que uma quantidade de energia está sendo gasta sem que haja qualquer progresso na direção dos objetivos comuns dos amantes e que esta situação não mudará por si própria, ou seja, os amantes deverão esforçar-se para resolver o problema.

Neste mesmo texto, Lakoff observa que a metáfora conceptual O AMOR É UMA VIAGEM apresenta-se como um macroesquema, situado no nível superordenado de uma possível hierarquia. O relacionamento amoroso pode ser conceptualizado como um

automóvel, um barco, um trem, um avião, uma nave espacial, um animal de montaria, etc., ou seja, é a categoria superordenada *veículo* (e não as categorias de nível básico exemplificadas) que aparece generalizada no mapeamento. A explicação para esse fenômeno, segundo Lakoff, é a capacidade apresentada pelas macrocategorias conceituais de maximizar as possibilidades de mapeamento das estruturas de nível básico, cada qual com a sua riqueza de informações.

Nesta mesma linha, é possível explicar porque as categorias clássicas são compreendidas metaforicamente em termos dos limites que estabelecem como **contêineres**. Por exemplo, se colocarmos algo X dentro de um contêiner A, e este contêiner estiver dentro de outro contêiner B, então X está dentro do contêiner B. É importante notar que este raciocínio procede, não em decorrência de uma dedução lógica, **mas em virtude das propriedades topológicas dos contêineres**. O postulado que se estabelece é que há uma relação lingüística e inferencial entre contêineres e categorias clássicas, facultada pela metáfora conceptual CATEGORIAS CLÁSSICAS SÃO CONTÊINERES, i.e., a linguagem e as propriedades lógicas das categorias clássicas são extensões da linguagem e das propriedades lógicas dos contêineres (Lakoff 1993, p. 213).

De forma similar ao que acontece em decorrência das propriedades topológicas dos contêineres, podemos raciocinar sobre conceitos que envolvam Quantidade, utilizando metáforas conceituais como ESCALAS LINEARES SÃO TRAJETÓRIAS. Esta metáfora utiliza o conhecimento vinculado ao esquema imagético de TRAJETÓRIA e projeta esse conhecimento no domínio das escalas lineares, preservando a topologia cognitiva da estrutura imagética. A condição de preservação da topologia cognitiva entre domínios distintos é denominada “Princípio da Invariância”:

Mapeamentos metafóricos preservam a topologia cognitiva (isto é, a estrutura do esquema imagético) do domínio fonte, de modo consistente com a estrutura inerente do domínio alvo (Lakoff 1993, p. 215).

O Princípio da Invariância sustenta a hipótese de que grande parte das inferências abstratas são versões metafóricas de inferências espaciais, inerentes às estruturas topológicas de esquemas imagéticos (Lakoff 1993, p. 216).

Inferências proposicionais (Lakoff e Johnson 1980) procedem do mapeamento metafórico das estruturas topológicas inerentes a esquemas imagéticos nos conceitos de Tempo, Estado, Mudança, Ação, Causa, Meio, Quantidade e Categoria (Lakoff 1993, p. 229).

De acordo com o Princípio da Invariância, a estrutura do esquema imagético inerente ao domínio alvo não pode ser violada, e essa estrutura limita automaticamente as possibilidades de mapeamento. Este Princípio explica o fato de que alguém possa, por exemplo, “dar uma informação” sem, no entanto, perder a posse daquilo que tenha sido “dado”. Assim, quando lidamos com expressões do tipo “*João deu uma boa notícia à sua mãe*”, utilizamos a metáfora AÇÕES SÃO TRANSFERÊNCIAS, em que ações são conceptualizadas como Objetos transferidos de um Agente a um Paciente. Deste modo, no domínio fonte, o Agente fica sem o Objeto que ele deu ao Paciente, mas este elemento não será mapeado no domínio alvo já que a estrutura do *frame* CONHECIMENTO, que organiza este domínio, nega que o Informador, ao informar, deixe de ter acesso à Informação que transmitiu.

O estudo das metáforas para a ESTRUTURA DOS EVENTOS é outro elemento distintivo da abordagem de Lakoff e Johnson. Diante das constantes mudanças dos sistemas conceptuais ao longo da história, muitos pensadores sustentam que esses sistemas são puramente históricos e contingentes, ou seja, que não há universais conceptuais. Todavia, há metáforas conceptuais que parecem ser universais ou, pelo menos, muito recorrentes nas diversas culturas. Lakoff considera a metáfora da Estrutura dos Eventos como forte candidata ao *status* de metáfora universal (Lakoff 1993, p. 249).

Lakoff e seus colaboradores descobriram que vários aspectos da estrutura dos eventos, incluindo as noções de Estado, Mudança, Processo, Ação, Causa, Propósito e Meio,

são caracterizados cognitivamente via metáforas do Espaço, do Movimento e da Força. Tendo em vista que esses conceitos abstratos são centrais a nossos sistemas conceptuais, o fato de sua conceptualização ser metafórica mostra que as metáforas para a ESTRUTURA DOS EVENTOS fundamentam o raciocínio praticado em nossa vida cotidiana.

É o seguinte o sumário dos mapeamentos referentes à METÁFORA DA ESTRUTURA DOS EVENTOS (Lakoff 1993, p. 220):

ESTADOS SÃO LUGARES (regiões demarcadas no espaço)
 MUDANÇAS SÃO MOVIMENTOS (para dentro ou para fora das regiões demarcadas)
 CAUSAS SÃO FORÇAS
 AÇÕES SÃO MOVIMENTOS AUTOPROPULSIONADOS
 PROPÓSITOS SÃO DESTINAÇÕES
 MEIOS SÃO CAMINHOS (para as destinações)
 DIFICULDADES SÃO OBSTÁCULOS AO MOVIMENTO
 A EXPECTATIVA DE PROGRESSO É O PLANEJAMENTO DA VIAGEM
 QUEM PLANEJA É O VIAJANTE VIRTUAL DIRIGINDO-SE À DESTINAÇÃO DESEJADA NO TEMPO PREVISTO
 EVENTOS EXTERNOS SÃO GRANDES OBJETOS QUE SE MOVEM
 ATIVIDADES QUE TÊM UM PROPÓSITO CONSTANTE SÃO VIAGENS

Lakoff argumenta que os mapeamentos metafóricos não são isolados uns dos outros, e, pelo contrário, organizam-se em “estruturas hierárquicas” (Lakoff 1993, p. 222). Quando isso ocorre, os mapeamentos hierarquicamente inferiores herdam as estruturas dos mapeamentos superiores.

Eis, abaixo, um exemplo de organização hierárquica com três níveis de mapeamentos:

Nível 1: ATIVIDADES SÃO VIAGENS
 Nível 2: A VIDA É UMA VIAGEM
 Nível 3: O AMOR É UMA VIAGEM CONJUNTA

Lakoff 1993 observou que, na cultura norte-americana, a vida é compreendida como uma atividade com propósito constante. O objetivo da vida é o destino dessa viagem. As ações praticadas na vida são movimentos autopropulsionados, e a totalidade de nossas ações constitui o caminho ao longo do qual nos movemos. Escolher um meio para alcançar

um objetivo é escolher uma trajetória para nosso destino. Dificuldades na vida são obstáculos para o movimento. Eventos externos são grandes objetos que podem impedir nosso movimento em direção a nossos objetivos. O progresso que esperamos fazer ao longo de nossas vidas é representado em termos do planejamento de viagem. Em suma, a metáfora A VIDA É UMA VIAGEM herda os mapeamentos da metáfora de que as ATIVIDADES SÃO VIAGENS, a qual consolida importantes conceptualizações da Estrutura dos Eventos.

Similarmente, a metáfora O AMOR É UMA VIAGEM CONJUNTA é um subcaso da metáfora A VIDA É UMA VIAGEM, da qual herda sua estrutura. O que distingue a metáfora O AMOR É UMA VIAGEM CONJUNTA é a presença de um novo mapeamento: os viajantes viajam juntos em um veículo, i.e, embarcam metaforicamente em um relacionamento amoroso.

A relação hierárquica de herança explica também generalizações concernentes aos itens lexicais. A palavra “*encruzilhada*” denomina qualquer situação em que se tenha de tomar decisões em processos como Amor, a Vida, o Trabalho, etc. Seu significado primário pertence ao domínio do espaço; seu uso metafórico permite que estructuremos nossos processos de opções existenciais.

A metáfora permeia nosso sistema conceptual. Conceitos abstratos ou difíceis de expressar em nossa experiência (e.g. as Emoções) são parcialmente compreendidos em termos de conceitos mais inteligíveis (e.g. nossa experiência material do Espaço). A maior fonte de evidências da conceptualização metafórica provém da linguagem – dos sentidos das palavras e das frases, através das quais os seres humanos atribuem sentido às suas experiências.

Na perspectiva johnson-lakoffiana de 1980, uma metáfora tem o poder de alterar o sistema conceptual e, por conseguinte, as percepções e ações produzidas por esse sistema. Segundo eles, muitas mudanças culturais surgem da introdução de novos conceitos metafóricos ou da perda de antigos. Aquilo que é real para um indivíduo como membro de

uma cultura é produto tanto de sua realidade social, como da maneira como essa cultura recorta sua experiência individual do mundo.

2.3 A Teoria Neural da Metáfora

2.3.1 Caracterização Geral

A versão contemporânea da TMC é a Teoria Neural da Metáfora (TNM), defendida em Lakoff e Johnson 1999, numa detalhada versão, e, desde então, assumida em toda a produção subsequente de Lakoff sobre o assunto (vide Gallese e Lakoff 2005; Lakoff 2006; Lakoff 2008).

Constitui uma elaboração da TMC à luz de novas descobertas em neurobiologia, especialmente dos neurônios-espelho, e é fortemente influenciada pelas teses de doutorado de Grady, Bailey e Narayanan, conforme é expresso explicitamente pelos seus proponentes (Lakoff e Johnson 1999, p. 46).

Trataremos, nesta seção, de resumir estes novos desenvolvimentos que assumem, com ênfase, a hipótese da cognição corporificada (*embodied cognition*).

2.3.2 As Bases Corporificadas da Mente

Herdamos da tradição filosófica ocidental a concepção de que temos uma *faculdade* para raciocinar, separada e independente da percepção sensorial e do movimento corporal. A percepção pode informar a razão, e o movimento pode ser uma consequência da razão, mas nenhum aspecto da percepção ou do movimento é tratado como parte da razão (Lakoff e Johnson 1999, p. 16-17).

Assume-se, pois, uma dicotomia entre percepção e concepção: enquanto a percepção é aceita como naturalmente corporificada, a concepção – a formação e o uso dos conceitos – é vista nesta tradição como puramente mental, completamente separada e independente das habilidades motoras e perceptoras. Essa capacidade autônoma da razão é considerada pela tradição o elemento que nos distingue essencialmente como seres humanos.

Em contrapartida, o cognitivismo de orientação johnson-lakoffiana afirma não haver tal faculdade autônoma da razão. Como hipótese, abraça a visão evolucionária, segundo a qual a razão emerge das capacidades corporais – da percepção e do movimento – e as utiliza. O resultado é uma mudança radical sobre a nossa perspectiva da razão e, por conseguinte, uma alteração profunda da compreensão que temos de nós mesmos.

Esse postulado científico sobre a corporificação da mente é profundamente inquietante sob dois aspectos:

Primeiramente, ele afirma que a razão humana é uma forma de razão animal, uma razão inextricavelmente vinculada aos nossos corpos e às peculiaridades dos nossos cérebros (...). Além disso, (...) nossos corpos, cérebros e interações com o ambiente fornecem as bases essencialmente inconscientes da nossa metafísica comum, isto é, do nosso sentido cotidiano do que é a realidade (Lakoff e Johnson 1999, p. 17).

Lakoff e Johnson 1999 argumentam, pois, que nossa compreensão da realidade depende crucialmente da natureza dos nossos corpos e da interação destes com o meio em que vivemos. Nosso aparato sensório-motor e nossa estrutura cerebral nos possibilitam e nos restringem a percepção, o movimento e a manipulação, determinando assim nossa concepção de realidade. Consequentemente, nossa capacidade de categorização é vista como uma consequência inescapável da nossa constituição biológica e das nossas experiências no mundo (Lakoff e Johnson 1999, p. 19).

Deste modo, Lakoff e Johnson (1999, p. 20) postulam que qualquer construção mental é realizada neuronalmente; nossos conceitos são, na verdade, estruturas neurais que nos permitem caracterizar mentalmente nossas categorias ontológicas e raciocinar sobre elas.

Uma importante descoberta das Ciências Cognitivas é que os sistemas conceptuais que fundamentam as línguas humanas utilizam um número relativamente pequeno de esquemas imagéticos que se combinam, estabelecendo relações complexas.

Na perspectiva do denominado “Realismo Corporificado”, os conceitos de “frente” e “costas”, por exemplo, têm existência e sentido vinculados ao tipo de corpo que possuímos. O mesmo acontece em relação aos esquemas fundamentais da dinâmica física: **empurrar, puxar, carregar e equilibrar**, são conceitos que compreendemos, *“utilizando partes dos nossos corpos e nossa habilidade de manipular e mover objetos, especialmente com nossos braços e pernas”* (Lakoff e Johnson 1999, p. 36).

Outros esquemas imagéticos são também compreendidos através de nossos corpos. Constantemente nos interpretamos como se fôssemos contêineres, de diferentes formas e tamanhos, com lados de dentro e de fora, regiões limítrofes, capacidade de armazenamento, etc., o que nos permite produzir e compreender expressões metafóricas, como: *“Maria está cheia de paixão”* ou *“Jesus derramou seu amor sobre os homens”*. Similarmente, toda vez que nos movemos ou vemos algo se mover, compreendemos o movimento em termos do esquema imagético da trajetória e raciocinamos de acordo com ele, i.e., levamos em conta um trajetor, um ponto de partida, um destino, uma rota, uma trajetória, a posição e a direção do trajetor em dado momento e a localização final do trajetor.

A hipótese da mente corporificada enfraquece radicalmente a distinção entre percepção e conceptualização. Em uma mente corporificada, é concebível que o mesmo sistema neural engajado na percepção ou no movimento corporal desempenhe um papel central na concepção, i.e., as mesmas estruturas neurais responsáveis pela percepção, pelo movimento e pela manipulação de objetos seriam responsáveis pela conceptualização e pelo raciocínio (Lakoff e Johnson 1999, p. 37-38).

Os experimentos com a modelagem computacional de redes neurais, que tem em Jerome Feldman um de seus expoentes, oferecem evidências indiretas dessa conjunção entre conceptualização e percepção. Simulando estruturas neurais, esses modelos mostram que o nosso cérebro, em princípio, pode realizar tarefas sensório-motoras e conceptuais, simultaneamente.

Os modelos computacionais testados foram construídos para lidar com três tipos de conceitos:

- (1) **conceitos de relações espaciais** – conceptualizamos as relações espaciais e sua lógica com base nas estruturas neurais que compõem o **sistema visual no cérebro**;
- (2) **conceitos de movimento corporal** – nossos **esquemas motores e nossos parâmetros do movimento corporal** são usados para estruturar esses conceitos e sua lógica;
- (3) **conceitos indicando a estrutura dos eventos (conceitos aspectuais)** – que podem ser adequadamente representados em termos de **esquemas gerais de execução de ações**: o raciocínio abstrato usado nesses esquemas é processado através de simulações neurais do movimento (Lakoff e Johnson 1999, p. 39-42).

O ponto a se destacar em tais modelos é que não há distinção absoluta entre as dimensões perceptual e conceptual, i.e., o sistema conceptual utiliza o sistema sensório-motor para construir o sentido, e o sistema sensório-motor é responsável pela formatação do sistema conceptual.

Lakoff 2008 propõe que a busca de evidências para a sustentação do novo paradigma (realismo corporificado) deva ser efetuada no campo da neurociência experimental, e não apenas no campo da especulação. Este ponto distingue a presente abordagem lakoffiana da sua prática anterior e também de muitos de seus contestadores, que esgotam seus argumentos no campo do discurso filosófico.

2.3.3 O Conceito de Inconsciente Cognitivo

De uma forma geral, as Ciências Cognitivas presumem que o inconsciente cognitivo é vasto e inextricavelmente estruturado; inclui não apenas nossas operações cognitivas automáticas, mas também todo o nosso conhecimento implícito.

A menos que conheçamos nosso inconsciente cognitivo completamente e intimamente, não podemos conhecer a nós mesmos e nem entender verdadeiramente a base dos nossos julgamentos morais, nossas deliberações conscientes e nossa filosofia (Lakoff e Johnson 1999, p. 15).

É difícil realizar uma exploração acurada do inconsciente cognitivo, já que a maior parte da vida cognitiva é inacessível à introspecção consciente direta. Há um consenso entre os cognitivistas de que o pensamento inconsciente representa 95% do pensamento como um todo. Além disso, o pensamento inconsciente funciona como uma “mão oculta” (*hidden hand*) que formata a conceptualização de nossas experiências. “*Se o inconsciente cognitivo não realizasse essa formatação, não haveria pensamento consciente*” (Lakoff e Johnson 1999, p.13).

Na perspectiva johnson-lakoffiana, a “mão oculta” da mente inconsciente usa a metáfora para definir nossas metafísicas e dar sentido aos conceitos – “*uma teoria filosófica intuitiva é uma teoria fundamentada em metáforas inconscientes*” (Lakoff e Johnson 1999, p. 14).

A maioria dos filósofos engajados em fazer declarações metafísicas escolhe, a partir do inconsciente cognitivo, um conjunto de metáforas que possuam uma ontologia consistente. Estas metáforas, trazidas ao discurso consciente, mas não necessariamente à sua própria metaconsciência, constituem o cerne do discurso filosófico, segundo argumentam Lakoff e Johnson em *Philosophy in the Flesh*.

2.3.4 A Metáfora e a Teoria Neural da Linguagem

Os últimos dez anos assistiram ao desenvolvimento interdisciplinar da Teoria Neural da Linguagem, um projeto liderado, pelo lado da Lingüística, por George Lakoff e, pelo lado da Ciência da Computação, por Jerome Feldman, ambos trabalhando em Berkeley, na Universidade da Califórnia e no Instituto Internacional de Ciência da Computação (ICSI).

Feldman, uma liderança no estudo das redes neurais artificiais como solução na área da engenharia (robótica), apaixonou-se pela postulação lakoffiana de que os conceitos abstratos são produzidos neurobiologicamente pelo aproveitamento de estruturas neurais, originariamente dedicadas à percepção e ao movimento.

Assim sendo, e liderando um conjunto de estudantes extremamente brilhantes, como Narayanan, Regier e Bailey, Feldman desenvolveu uma teoria de modelagem computacional profundamente integrada às descobertas mais recentes na área das neurociências, especialmente as descobertas sobre os neurônios-espelho (cujo impacto para a lingüística é tratado em Gallese e Lakoff 2005).

O livro de Feldman, publicado em 2006, *From Molecule to Metaphor*, é, nas suas próprias palavras, “um livro-ponte”, que busca unificar proposições fundadoras nas áreas da computação, psicologia, lingüística e neurociências.

É neste ambiente que a Teoria Conceptual da Metáfora sofre sua mais recente, e mais radical transformação, evoluindo para a chamada Teoria Neural da Metáfora (Lakoff 2006; 2008; Feldman 2006).

Algumas idéias centrais, que fundamentam esta postulação são as seguintes:

- (i) O processamento neural e, em contrapartida, o processamento mental é multidomínial, multimodal e opera em paralelo – já que tanto a velocidade com que opera o cérebro como o volume das informações que processa

descartam a hipótese cognitivista clássica quanto a um processamento mental linear, simbólico e modular (cf. Feldman 2006, p. 85-94).

- (ii) A ligação entre a ação-no-mundo e a sua conceptualização é presidida pela chamada “Semântica das Simulações”: há grupos neurais (Neurônios Localizadores de Objeto, Neurônios Canônicos e Neurônios-Espelho) que disparam nas seguintes situações:
- (a) quando o sujeito localiza um objeto (ou assiste a alguém localizar um objeto);
 - (b) quando o sujeito se prepara para agir sobre um objeto (ou quando assiste a alguém preparando-se para agir); e, finalmente,
 - (c) quando o sujeito age (ou quando assiste a alguém agindo).

Os mesmos grupos neurais, organizados em circuitos, servem a finalidades percepto-motoras (para a ação) e a finalidades cognitivas (reconhecimento e categorização da ação) (cf. Gallese e Lakoff 2005, e Feldman 2006, p. 85-94).

Não sabemos como a integração neural opera no cérebro, mas há uma hipótese de que ela se realize via ativação sincrônica de agrupamentos neurais, ou seja, circuitos complexos emergiriam da integração de conjuntos neurais relacionados a diferentes tipos de circuitos (Lakoff 2006; 2008).

A Teoria Neural da Linguagem assume que, à medida que nosso conjunto de circuitos neurais vai sendo formatado pela experiência, emergem tipos básicos desses circuitos. Assim, há circuitos neurais específicos caracterizando *frames*, esquemas imagéticos, metáforas conceptuais, itens lexicais ou construções gramaticais. Aliás, segundo esta hipótese, qualquer operação cognitiva deve ser passível de análise por meio da descrição de computações neurais específicas, envolvendo diferentes sistemas de circuitos.

Assim, a notação proposta por Lakoff 2008 para a Teoria Neural da Metáfora correlaciona sistemas de atributos com propriedades computacionais apropriadas. Esta

notação, utilizada para descrever a metáfora O AMOR É UMA VIAGEM CONJUNTA, tem o seguinte desenho:

Metáfora: O AMOR É UMA VIAGEM CONJUNTA			
Domínio Fonte: VIAGEM			
Domínio Alvo: AMOR			
Mapeamentos:	VIAJANTES	→	AMANTES
	VEÍCULO	→	RELACIONAMENTO
	DESTINAÇÕES	→	PROPÓSITOS
	OBSTÁCULOS PARA O MOVIMENTO	→	DIFICULDADES
Evoca: a metáfora PROPÓSITOS SÃO DESTINAÇÕES, com:			
	DESTINAÇÕES = Ego.Fonte.DESTINAÇÕES DOS VIAJANTES		
	PROPÓSITOS = Ego.Alvo.PROPÓSITOS DOS AMANTES		
a metáfora DIFICULDADES SÃO OBSTÁCULOS PARA O MOVIMENTO, com:			
	OBSTÁCULOS PARA O MOVIMENTO = Ego.Fonte.OBSTÁCULOS PARA O MOVIMENTO DOS VIAJANTES		
	DIFICULDADES = Ego.Alvo.DIFICULDADES NO RELACIONAMENTO AMOROSO		
a metáfora INTIMIDADE É PROXIMIDADE, com:			
	PROXIMIDADE = Ego.Fonte.PROXIMIDADE DOS VIAJANTES NO VEÍCULO		
	INTIMIDADE = Ego.Alvo.INTIMIDADE DOS AMANTES		
a metáfora UM RELACIONAMENTO É UM CONTÊINER, com:			
	CONTÊINER	= Ego.Fonte.	VEÍCULO
	RELACIONAMENTO = Ego.Alvo.RELACIONAMENTO AMOROSO		

O estabelecimento desta metáfora corresponde, na hipótese lakoffiana, a um circuito de projeção. O título da metáfora representa o nódulo gestáltico. As setas → correspondem a circuitos de conexão. O mapeamento especifica que elementos estão sendo projetados no alvo. Os sinais de igual = especificam as ligações neurais. O enunciado “evoca” anuncia circuitos de conexão que operam as ligações neurais entre as metáforas “componentes” e a metáfora complexa O AMOR É UMA VIAGEM.

Esse formalismo é atualmente usado pelos analistas da metáfora, pois pode ser convertido em algoritmos para os programas de modelagem computacional, que tomam uma sentença como *input* e produzem uma análise como *output*. Como já mencionamos, há formalismos correspondentes postulados para os demais processos lingüísticos e cognitivos, tais como construções gramaticais e lexicais, metonímias, *frames* e esquemas imagéticos.

A Teoria Neural da Linguagem apresenta uma visão do processamento de metáforas distinta das hipóteses bidominiais, anteriores à e/ou adversárias da TMC, segundo as quais o domínio fonte é processado no cérebro antes do mapeamento do domínio alvo. Estudos propiciados pela TNL sugerem que o processamento de metáforas se dá em paralelo, i.e., quando escutamos uma expressão metafórica, o significado literal das palavras ativa os circuitos do domínio fonte, o contexto ativa os circuitos do domínio alvo e ocorrem conjuntamente a ativação dos circuitos e o mapeamento. O resultado é uma integração conceptual, com a ativação simultânea do domínio fonte e do domínio alvo. Um corolário desta postulação (vide Lakoff 2008) é que o tempo de processamento de uma metáfora conceptual convencional deva ser o mesmo tempo gasto para a realização de um processamento não metafórico, baseado em um *frame* comum.

Resultados relatados por Lakoff 2008 e Feldman 2006, referentes a experimentos desenvolvidos por Ray Gibbs e por Lera Boroditsky, mostram que esta hipótese se verifica – ou seja, que a linguagem metafórica não requer um tempo extra de processamento mental.

Está no centro das hipóteses feldman-lakoffianas a idéia de que, durante o processamento mental, nosso cérebro realiza o máximo possível de integrações neurais e, entre estas, seleciona as melhores adequações, constituindo o que Lakoff 2008 e Feldman 2006 denominaram “*Sistema de Melhor Ajuste*” (*Best Fit System*).

De acordo com esta hipótese, metáforas complexas, que emergem das integrações entre metáforas primárias existentes em nosso sistema conceptual, devem ser mais facilmente compreendidas do que metáforas conceptuais que sejam totalmente novas, já que estas envolvem somente integrações novas, enquanto aquelas conectam circuitos já estabelecidos e são, portanto, mais eficientes. Para ilustrar esse raciocínio, Lakoff 2008 analisa a sentença “*Meu trabalho é uma prisão*”:

- (1) Uma prisão restringe alguém da liberdade de movimentar-se, de seguir em direção às destinações desejadas. Portanto, uma prisão produz frustração e outras emoções negativas ao prisioneiro.
- (2) As metáforas primárias REALIZAR UM PROPÓSITO É ALCANÇAR UMA DESTINAÇÃO e AÇÕES SÃO MOVIMENTOS existem em nosso sistema conceptual e, portanto, seus circuitos neurais apresentam estabilidade e eficiência de processamento.
- (3) Integrando restrição da liberdade de movimento com a metáfora AÇÕES SÃO MOVIMENTOS, inferimos restrição de liberdade de ação.
- (4) Integrando impedimento para alcançar destinações desejadas com REALIZAR UM PROPÓSITO É ALCANÇAR UMA DESTINAÇÃO, inferimos impedimento para realizar propósitos.
- (5) A inferência metafórica concernente à sentença “Meu trabalho é uma prisão” é de que meu trabalho restringe minha liberdade de ação para realizar meus objetivos, produzindo assim frustração e outras emoções negativas.

Uma situação similar, que encontramos em nossa experiência lingüística, refere-se à enunciação oral “*Veja! Aquele menino riquinho é um passoqueiro*”, dita em um estádio de futebol. Uma interpretação possível, criada pela homofonia entre *paçoca* e “*passoca*”, seria a de que um menino estivesse vendendo paçocas no estádio, e o *frame* de **vender** estaria, pois, ativado. Neste *frame*, a paçoca desempenharia o papel de Paciente, de produto vendido, e o menino riquinho desempenharia o papel de Agente, de vendedor do produto. Sabemos, pela nossa experiência cultural, que a paçoca é um doce popular, de baixo custo, muito saboroso, feito de amendoim socado com açúcar e farinha. O estereótipo de um vendedor de paçocas em nossa cultura é a imagem de um vendedor ambulante, um trabalhador de baixa renda, talvez um menino. É, assim, improvável que o papel de vendedor ambulante seja desempenhado por

“um menino riquinho”, o que desfavorece a integração deste conceito ao papel de Agente, no *frame* de vender.

A inibição conceptual decorrente produz, então, uma mudança conceptual contextualizada, e a elocução oral exemplificada pode então ser interpretada de outra maneira: o termo “*passoquero*”, na verdade, não se refere a um vendedor de paçocas, mas a um jogador de futebol, mais precisamente um zagueiro que tem o costume (no caso, o mau costume) de errar passes em regiões de risco, fragilizando as táticas defensivas de seu time, e facilitando, assim, os gols do time adversário. É então do setor de defesa do time que se trata: logo a defesa, que deveria funcionar como “paredão de segurança”, como “escudo”, diante do ataque adversário, esfarinha-se como paçoca e corre o risco de levar gol. O jogador responsável por tamanho malfeito (“o menino riquinho”) é, então, um passoquero, um “fazedor de passocas”, não um vendedor de paçocas.

Observa-se, aí, que a homofonia entre paçoquero (derivado morfologicamente de paçocas) e passoquero (que alude criativamente à raiz passo) favorece a mesclagem no nível do significante e, no nível do significado, a ativação da metáfora.

A atuação conjunta da homofonia, do *frame* de paçoca, da metáfora conceptual DEFENDER É CONSTRUIR UMA BARREIRA, mais a informação contextual relevante sobre o jogo de futebol produzem um “*best fit*”; isto é, produzem a melhor interpretação, considerada a convergência de todos os fatos.

A abordagem feldman-lakoffiana da Teoria Neural da Linguagem nos faz entender melhor o poder da linguagem. É a capacidade humana de adaptação que nos permite contextualmente mudar a referência de passoquero para “fazedor da paçoca metafórica”, um jogador que, em campo, é um perigo para seu próprio time.

2.4 Questionamentos Contemporâneos à Abordagem Lakoffiana da Metáfora

2.4.1 As Bases Metonímicas das Metáforas

Metáforas e metonímias são tipos fundamentais de relações cognitivas experiencialmente motivadas e imediatamente disponíveis à pragmática discursiva (Lakoff 1987; Lakoff e Johnson 1980; Ruiz de Mendonza 1997 apud Barcelona 2003).

A Teoria Conceptual da Metáfora postula que metáforas consistem de projeções entre domínios distintos, e que o mapeamento metafórico é sempre unidirecional: somente o domínio fonte é projetado sobre o domínio alvo. Portanto, de acordo com essa teoria, projeções metafóricas bidirecionais não existem (Barcelona 2003, p. 7).

Lakoff e Turner 1989 discorrem a respeito dessa unidirecionalidade metafórica, analisando a metáfora conceptual PESSOAS SÃO ANIMAIS. Eles argumentam que, em expressões como “*Não morda em mim*” ou “*O ninho de amor deles foi descoberto*”, projetamos alguns aspectos de comportamentos animais (no caso, o comportamento agressivo de um cão e o lugar de procriação dos pássaros) para os comportamentos das pessoas. Nenhuma característica do domínio PESSOAS é mapeada, entretanto, para o domínio ANIMAIS, no escopo desta metáfora. Isto não impede que exista outra metáfora: ANIMAIS SÃO PESSOAS, que mapeia aspectos e comportamentos das PESSOAS no domínio ANIMAIS, caso das sentenças “*Os leões são corajosos*” ou “*Os gatos são traiçoeiros*”. Não há, pois, duas variantes de uma mesma metáfora, mas duas metáforas distintas, cada qual com seu específico mapeamento (Lakoff e Turner 1989, p. 132 apud Barcelona 2003, p. 7).

No caso da distinção metáfora/metonímia, a diferença fundamental consiste no número de domínios conceptuais relevados na projeção (Langacker 1987; Taylor 1995 apud Barcelona 2003). Diferentemente da metáfora, a metonímia lida com “mapeamentos” (Lakoff

e Turner 1989; Ruiz de Mendoza 2003; Taylor 1995 apud Barcelona 2003), ou “entidades conceptuais” (Kövecses e Radden 1998 apud Barcelona 2003), ou ainda “ativações mentais” (Langacker 1993 apud Barcelona 2003) **dentro de um mesmo domínio conceptual.**

O problema que se estabelece nestas análises é justamente a delimitação entre domínios cognitivos. Os Efeitos das EMOÇÕES podem, por exemplo, perfeitamente ser considerados subdomínios do macrodomínio das EMOÇÕES: afinal, os Efeitos de uma EMOÇÃO sobre nosso corpo, ou sobre nosso comportamento, são obviamente parte da nossa experiência dessa emoção. Por exemplo, efeitos comportamentais e corporais do sentimento de tristeza expressam-se através de uma postura corporal encurvada (ombros, cabeça, músculos faciais prostrados). A propósito dessa constatação, Barcelona 2003 pondera que o subdomínio experiencial EFEITOS CORPORAIS DA TRISTEZA deve envolver a noção de VERTICALIDADE e de ESPAÇO TRIDIMENSIONAL.

Se pensarmos que EFEITOS CORPORAIS DA TRISTEZA constituem um subdomínio do *frame* TRISTEZA, então a metáfora conceptual TRISTEZA É PARA BAIXO (motivadora de expressões lingüísticas como “*Ando deprimido*”, “*Estou prá baixo*”, “*Estou na fossa*”) seria fundamentada metonimicamente no fato de que SENTIR TRISTEZA expressa-se numa postura corporal prostrada.

A discussão de Barcelona passa por uma importante dimensão do debate sobre metáforas, relativa ao grau de acessibilidade destas à consciência. As expressões lingüísticas em Inglês, Espanhol ou Português motivadas pela metáfora TRISTEZA É PRÁ BAIXO dificilmente exigem de seus usuários a apreensão consciente de que o conceito de TRISTEZA envolve uma dimensão de VERTICALIDADE. No entanto, no nível do inconsciente cognitivo, esta associação parece ser imediata.

Barcelona propõe que as relações deste tipo, que se convencionalizam como metafóricas (entre dois domínios distintos), emergem originariamente como metonímicas (ou

seja, como relações no interior de um mesmo domínio) (cf. Barcelona 2003, p. 43-44). Na medida em que a teoria conceptual da metáfora assume programaticamente uma perspectiva experiencialista, não nos parece que os questionamentos levantados por Barcelona (e agudamente contraditados por Rudjka – Ostry, cf. Barcelona 2003, p. 49) constituam uma objeção a esta teoria. Antes, oferecem condições para seu refinamento.

2.4.2 A Natureza Discursiva/Pragmática da Metáfora

O cognitivismo de orientação johnson-lakoffiana tem enfatizado o papel fundador das estruturas pré-conceptuais da experiência – padrões ou *gestalts* que emergiriam da interação direta de nossos corpos no mundo e que seriam, afinal, responsáveis pelas “estruturas universais do entendimento”.

Em seu artigo intitulado “Palavras de Sensação”, Helena Martins 2005 discute as hipóteses cognitivistas sobre a corporificação da mente, evocando uma consideração clássica a respeito das sensações, a saber, que sensações são tradicionalmente concebidas como um domínio da experiência humana que é privado e individual, logicamente anterior à cultura. Vale lembrar que, dentro desta visão clássica, a linguagem teria a função essencial de representar os conceitos. Caberia, pois, à linguagem a função de representar realidades internas, determinadas pelas experiências diretas e íntimas de um indivíduo.

Uma ilustração representativa desta perspectiva é dada pelo pensamento de Locke, para quem as “idéias de sensação”, como *amarelo, macio, quente, dor*, ao lado das “idéias de reflexão”, como *querer, acreditar, saber*, são os blocos fundadores dos sistemas conceptuais humanos. (Ensaio, Livro II, cap. 1, §2 apud Martins 2005, p. 314). Tais idéias seriam entidades mentais autônomas, de natureza simples ou complexa. A “*dor*”, por exemplo, seria uma idéia simples, dotada das seguintes propriedades: (i) ser compulsória; (ii) ser atômica e

destituída de estrutura; (iii) fornecer todo o material básico para a conceptualização humana; (iv) ser diretamente significativa, e não resultar do trabalho humano de conceptualização. A linguagem entra nesse contexto como instrumento da representação: as idéias seriam, em si mesmas, os significados dos símbolos lingüísticos (Martins 2005, p. 315).

Na perspectiva de Wittgenstein, para quem o “significado está no uso”, Martins pondera, em contraposição, que a conceptualização das sensações não deriva de nossas experiências privadas e diretas, mas que, sim, é determinada por nossas práticas lingüístico-culturais. Neste contexto, a linguagem, compreendida como práxis, é considerada como o fator central na organização da experiência (cf. Fichas §§532-534; v. tb. Glock apud Martins 2005, p. 312-316).

Em sua abordagem, Wittgenstein não nega que as sensações tenham uma dimensão individual e privada; ele nega apenas que uma sensação (por exemplo, a *dor*) seja o significado da palavra “dor”. (cf. Glock, 1997:153; v. tb. Hacker, 1993, 25-28 apud Martins 2005, p. 318).

Locke e Wittgenstein ofereceriam, pois, duas hipóteses polares sobre a conceptualização da “dor”: no caso de Locke, a sensação privada e não-analisada é a base do conceito; no caso de Wittgenstein, é o discurso sobre a sensação da “dor” que produz a sua conceptualização.

Na opinião de Martins, o paradigma do realismo corporificado simultaneamente continua e rejeita essas duas visões filosóficas, porque contém ingredientes lockeanos e wittgensteinianos, ao mesmo tempo em que rejeita explicitamente aspectos centrais dessas duas influentes linhas de pensamento. Por exemplo, em consonância com os pressupostos de Wittgenstein, o realismo corporificado sustenta que um entendimento adequado da mente, do pensamento e da linguagem não pode dispensar a consideração das formas de vida que são distintivamente humanas. Entretanto, diferentemente da explicação anti-fundacionista dos

conceitos humanos e da linguagem, proposta por Wittgenstein, sustenta-se, no realismo corporificado, que os sistemas conceptuais humanos ancoram-se universalmente “em nossa experiência sensório-motora e nas estruturas neurais que lhes dão origem” (cf. Lakoff e Johnson, 1999 p. 77).

Por outro lado, ao seguir pelo caminho mentalista, os cognitivistas não o fazem à maneira estritamente empirista de Locke. Eles rejeitam a hipótese de que as experiências geram conceitos atômicos, não estruturados, combináveis para a formação de conceitos complexos. Pelo contrário, o trabalho original de Lakoff sobre categorização (Lakoff 1987, p. 68-135) e a sua retomada pós-avanços científicos da neurobiologia (Gallese e Lakoff 2005, Lakoff 2008) deixam claro que as estruturas conceptuais, inclusive das sensações e das ações primárias, são internamente estruturadas como modelos cognitivos, de natureza conceptual e pré-lingüística.

Na concepção de Helena Martins 2005, uma das principais contribuições do realismo corporificado é seu manifesto empenho em caracterizar uma continuidade básica entre biologia, cultura, língua e cognição. Entretanto, a seu ver, o caso das sensações ilustra muito bem o caráter problemático da investida conciliatória dos cognitivistas.

Com todo respeito à sofisticada argumentação da Professora Helena Martins e do seu genial inspirador, Ludwig Wittgenstein, entendemos que este tipo de interpretação é, *malgré soi*, tributário de uma concepção dualista que prefere dissolver a materialidade da cognição nas práticas comunicativas a reconhecer que determinações biológicas, em conjunto com as relações sociais, são constituidoras da significação.

Em nenhum momento, a reivindicação lakoffiana esgota na biologia a determinação do sentido; pelo contrário, seu persistente argumento, inclusive amparado por verificações científicas e não-especulativas, é que é impossível construir o sentido sem a biologia. Por outro lado, os cognitivistas ressaltam que as práticas sociais são igualmente

determinativas. Para ficarmos no caso do léxico das cores, argumento canônico de postulação cognitivista, os falantes do Dani distinguem o mundo entre *mili* (escuro-frio) e *mola* (claro-quente), conforme as necessidades da sua experiência cultural. Tal fato, entretanto, não suprime deles a capacidade de aprender Inglês e aplicar propriamente as denominações de *green* ou *red*, em acordo com a neurofisiologia destas distinções cromáticas.

No entender da Professora Margarida Salomão (comunicação pessoal), o suposto caráter “conciliatório” da proposição lakoffiana, na verdade, recicla o caráter dialético da filosofia de matriz hegeliana – da qual o pragmatismo, em suas diversas expressões, é o herdeiro mais influente na presente circunstância cultural.

2.4.3 A Dimensão Cultural da Metáfora

Um outro tipo de questionamento da Teoria Conceptual da Metáfora postula que esta reflexão quebra apenas parcialmente o paradigma cartesiano, pois, embora desafie com sucesso o dualismo entre mente e corpo, deixaria intacta a oposição entre o indivíduo e a sociedade.

Gibbs 1999 opta por uma abordagem sociocultural da cognição, na linha de Vygotsky, Leontiev e Luria, para apresentar uma visão alternativa da metáfora, segundo a qual estruturas cognitivas não são representações mentais internas ao indivíduo, mas estão distribuídas no mundo. Para Gibbs, falta à Linguística Cognitiva reconhecer explicitamente o importante papel da cultura, talvez definidor das experiências e, conseqüentemente, do pensar metafórico. Ele acredita ser a metáfora uma propriedade emergente das interações do indivíduo com o mundo, e não das mentes individuais. Enfim, a perspectiva distribuída de Gibbs postula uma cognição emergente e continuamente revivenciada, propiciada pela interação do indivíduo com o mundo cultural.

Zóltan Kövecses 1999, por sua vez, busca uma integração entre os três fatores: linguagem, cognição e cultura. Para ele, a metáfora deve ser concebida, simultaneamente, como um fenômeno lingüístico, conceptual, neural, corporal, social e cultural (Kövecses 1999). A universalidade e a variedade metafórica dependem da base neuro-corporal, da experiência sociocultural e do processamento cognitivo.

Expandindo seus estudos sobre metáfora conceptual, Kövecses 1999 analisou contextos comunicativos que revelam tipos de comportamento ligados a valores culturais. Assim, ele constatou uma particularidade na cultura britânica, quanto ao uso da metáfora O AMOR É UMA VIAGEM, qual seja, que as pessoas, ao falar, preferem usar esta metáfora, quando se expressam a respeito de outras pessoas. Além disso, quando utilizam tais expressões, os britânicos o fazem juntamente com pistas de contextualização, como *rather, a bit*, ou *don't you think*. Kövecses observou também que a mesma metáfora é mais presente no discurso amoroso norte-americano que no discurso britânico, e que a maior incidência desse uso na cultura norte-americana talvez reflita, nesta última, um grau mais elevado de extroversão comunicativa.

Entendemos que este tipo de reflexão cria uma importante agenda para os estudos cognitivistas da metáfora, ultrapassando o patamar de sua postulação originária e exigindo que os pesquisadores da terceira geração da investigação metafórica dediquem-se à descrição empírica dos usos da metáfora na linguagem corrente. Possivelmente, é este trabalho que responderá às preocupações suscitadas por Martins 2005.

2.4.4 Metáforas Conceptuais como um Tipo de Mesclagem

Em 2002, Fauconnier e Turner escreveram “*The way we think*”, uma obra singular que investiga as complexidades ocultas da mente, a partir de um fenômeno denominado

“mesclagem”. Em seu empreendimento, os criadores da Teoria da Mesclagem valeram-se de um interessante enigma apresentado por Arthur Koestler em sua obra “*The Act of Creation*”, para explicar como o cérebro opera sobre nosso sistema conceptual, realizando integrações entre espaços mentais e fazendo emergir uma estrutura nova e distinta de seus *inputs*. Eis o enigma:

A Buddhist Monk begins at dawn one day walking up a mountain, reaches the top at sunset, meditates at the top for several days until one dawn when he begins to walk back to the foot of the mountain, which he reaches at sunset. Make no assumptions about his starting or stopping or about his pace during the trips. Riddle: Is there a place on the path that the monk occupies at the same hour of the day on the two separate journeys?
(Fauconnier e Turner 2002, p. 39)

Na rede do monge budista, há um espaço mental para a jornada ao cume da montanha e outro para a jornada de volta à sua base. Uma simulação mental envolvendo simultaneamente as duas jornadas mescla esses dois espaços e dá origem a uma estrutura emergente: o encontro entre os monges. É essa estrutura emergente que vai proporcionar a solução para o enigma. Note-se aqui que o fenômeno da mesclagem rompe com a tese da unidirecionalidade proposta por Lakoff e Johnson para explicar o processamento metafórico entre domínios.

Na verdade, Fauconnier e Turner 2002 (vide p. 122-125) tratam o enigma do Monge Budista como um tipo especial de Mesclagem – as Mesclas em Espelho, que também explicam outros exemplos canônicos na argumentação em favor desta teoria (e.g. a Regata Imaginária e o Debate com Kant).

Há, entretanto, uma outra subclasse de Mesclas, as Mesclagens de Escopo Único, postuladas para explicar casos como a Luta de Boxe entre Presidentes e Empresas (que simula metaforicamente a competição capitalista por mercados) ou o uso lexicalizado da expressão “*virus de computador*”. Tais mesclas metafóricas contrariariam a postulação lakoffiana da

relação bidominal de projeção metafórica, já que seu processamento elucidaria um novo espaço (o espaço-mescla), que é emergente.

Uma rede de escopo único tem dois espaços input com diferentes frames organizadores, um dos quais é projetado para organizar a mescla. Sua propriedade definidora é que o frame organizador do blend é uma extensão do frame organizador de um dos inputs, mas não do outro (Fauconnier e Turner 2002, p. 126).

Lakoff 2008 discorda dessa subcategorização metafórica proposta pela Teoria da Mesclagem. De acordo com ele, a mesclagem é somente uma instância das várias integrações neurais que nosso cérebro é capaz de realizar. A metáfora, por sua vez, é um tipo de mapeamento convencionalizado. Ela envolve:

- (i) integrações e inferências concernentes tanto ao domínio fonte quanto ao domínio alvo;
- (ii) a ativação de mapeamentos metafóricos; e
- (iii) a ativação de outros esquemas conectados ao circuito principal, relativos às conceptualizações mais básicas.

É possível, segundo Lakoff, que a mesclagem e a metáfora ocorram simultaneamente. No caso do exemplo do termômetro, Lakoff 2008 observa que se trata de um objeto cuja constituição física o leva a ser compreendido em termos da metáfora MAIS É PARA CIMA – em um termômetro orientado verticalmente, o mercúrio sobe quando a temperatura aumenta, o que nos faz compreender a quantidade de calor em termos da posição do mercúrio na escala vertical. Mas um termômetro é também um belo exemplo de estrutura emergente, resultante de uma mescla. Nele, calor e mercúrio são integrados e constituem uma única coisa, assim como acontece com a quantidade de calor e a verticalidade da escala. Por outro lado, uma sentença como “*A temperatura subiu*” é compreendida somente em termos da metáfora MAIS É PARA CIMA, porquanto, na sentença, a expressão de quantidade de calor não é, em si mesma, vertical.

Na verdade, o debate (às vezes apaixonado) entre a posição lakoffiana e, especialmente, a de Turner parece um dilema intelectualmente mal-posto: há metáforas que são mesclagens (especialmente aquelas que requerem para sua compreensão a integração de múltiplos domínios conceituais – por exemplo, “*Se Clinton fosse o Titanic, o iceberg afundaria*”; e há metáforas que, pelo seu entrincheiramento cognitivo e cultural, estão sedimentadas como parte dos recursos cognitivos disponíveis na memória (como é o caso de MAIS É PARA CIMA).

Deve-se, antes, reconhecer que a postulação da Teoria das Mesclagens reforça substancialmente as proposições primárias do cognitivismo e, particularmente, da abordagem lakoffiana da metáfora. Além disso, mesclagens são uma explicação mais que razoável para o processamento de novas expressões metafóricas, como é o caso da designação “passoquero”, que alude a maus passes e à paçoca, para caracterizar o zagueiro no qual o time não pode confiar.

2.4.5 Metáforas Conceptuais versus Metáforas Lexicais

Em seu artigo intitulado *Metaphor and Convention*, Jan Svanlund 2007 nos chama a atenção para a relação entre os níveis conceptual e lexical dos mapeamentos metafóricos. Sua análise foca os efeitos do processo da convencionalização lexical na significação metafórica.

De acordo com a concepção johnson-lakoffiana de 1999, metáforas constituem padrões convencionais sistemáticos que podem ser conceptuais ou lexicais. Os padrões lexicais são considerados secundários, reflexos de padrões conceptuais mais básicos. Em outras palavras, a Teoria da Metáfora Conceptual postula que uma metáfora conceptual é constituída pelo mapeamento de um determinado número de conceitos do domínio fonte sobre

o domínio alvo. Esses conceitos são geralmente denotados por palavras que podem adquirir significados metafóricos convencionais como resultado dos mapeamentos entre domínios conceptuais.

Svanlund (2007, p. 85) contrapõe-se a essa visão dicotômica da TMC em relação aos níveis conceptual e lexical. Ele propõe uma graduação na convencionalidade dos itens lexicais, o que acabaria por afetar as “tendências conceptuais”. Deste modo, Svanlund introduz o conceito de “força metafórica” (2007, p. 55), que indica o potencial dos itens lexicais metafóricos de ativar conceitos do domínio fonte. Este potencial, ou seja, a força metafórica, decorre fundamentalmente do grau de convencionalidade desses itens lexicais, como desencadeadores da metáfora. Nesta perspectiva, o grau de convencionalidade lexical passa a desempenhar um importante papel na formação e no desenvolvimento dos significados metafóricos. Por exemplo, a metáfora IDÉIAS SÃO PESSOAS é mais facilmente evocada por expressões como “*a morte daquela idéia*” do que por expressões lingüísticas como “*o falecimento daquela idéia*”.

Svanlund argumenta que o conceito de convencionalidade parece ser utilizado pela TMC para aludir à fixação de correspondências conceptuais entre domínios. Essas correspondências fixas, que supostamente incluiriam nosso modo convencional de pensar, nosso comportamento convencional e nossa linguagem convencional, estariam previamente armazenadas nas mentes dos falantes e seriam resultado de um processamento cognitivo individual.

Na visão de Svanlund, essa concepção de convencionalidade adotada pela TMC é bastante questionável, porquanto ela subestima a natureza social das convenções e o papel da experiência lingüística.

A convencionalidade do uso lingüístico é criada, expandida e mantida através de interações sociais entre seres humanos. (...) a convencionalidade é uma questão de gradação, e suas dimensões são tanto cognitivas quanto sociais (Svanlund 2007, p. 51).

Padrões conceptuais que emanam da experiência física corporal podem ajudar no desenvolvimento do significado metafórico das palavras, mas a experiência física não é o bastante para criar uma convenção. O estabelecimento de uma convenção pressupõe que um grupo de pessoas faça a mesma escolha expressiva. Assim sendo, podemos concluir que as metáforas conceptuais não governam estritamente as metáforas lexicais, embora possam guiá-las (Svanlund 2007, p. 80).

Como vimos, um postulado central na análise feita por Svanlund 2007 é que os mapeamentos entre domínios não são suficientes para entendermos as metáforas lexicais em sua completude. Os falantes devem conhecer os significados específicos de cada item lexical, que são entrincheirados no léxico mental junto com os padrões de construção e colocação. O mapeamento entre os domínios conceptuais é apenas um dos fatores que determinam os significados das metáforas lexicais.

A contribuição recente deste estudioso parece-nos decisiva para enfrentarmos as dificuldades “fundacionistas” imputadas à abordagem lakoffiana da metáfora. Embora nos pareça que a postulação da TMC e, mesmo, da TNM seja programaticamente aberta à questão das determinações da cognição pelo uso comunicativo, é inexpressivo o trabalho até hoje feito nesta linha, para verificar os efeitos socioculturais no processamento e no uso das metáforas.

Entendemos que o exemplo dado pelo artigo de Svanlund, que estuda, a partir de um corpus, as extensões metafóricas do domínio da FORÇA em Sueco, é uma inspiração para que as questões teóricas aqui elencadas sejam enfrentadas pela análise empírica.

3. ESTUDO DAS METÁFORAS DO AMOR NO CANCIONEIRO POPULAR BRASILEIRO

3.1 Quadro Hipotético

3.1.1 Hipóteses Gerais

3.1.1.1 A metáfora é um fenômeno conceptual e convencional, que integra o sistema ordinário do pensamento e da linguagem. Mapeamentos metafóricos entre domínios conceptuais são um importante instrumento do nosso aparato cognitivo, essencial para nossa compreensão do mundo, da nossa cultura e de nós mesmos.

3.1.1.2 Os sistemas conceptuais humanos, forjados pelo nosso funcionamento bem-sucedido em nossos ambientes físicos e sociais, são dotados de características metafóricas por possibilitarem imaginativamente compreender uma coisa em termos de outra.

3.1.1.3 A projeção metafórica envolve implicações metafóricas, que constituem a base imaginativa da nossa racionalidade, fundada na experiência vivida.

3.1.1.4 Mapeamentos metafóricos não ocorrem isolados uns dos outros, mas organizados em estruturas hierárquicas. Quando isto ocorre, mapeamentos hierarquicamente inferiores herdam as estruturas dos mapeamentos superordenados.

3.1.1.5 Metáforas são mapeamentos: elas envolvem integrações e inferências concernentes tanto ao domínio fonte quanto ao domínio alvo e a ativação de mapeamentos metafóricos constitutivos de outros esquemas conectados a seu circuito.

3.1.1.6 Toda construção mental é realizada neuronalmente; nossos conceitos são, na verdade, estruturas neurais que nos permitem caracterizar mentalmente nossas categorias e raciocinar sobre elas.

3.1.1.7 O significado metafórico baseia-se tanto na experiência humana individual, via metáforas conceptuais primárias, quanto na experiência sociocultural proveniente da interação com outros indivíduos inseridos em determinada cultura.

3.1.1.8 Metáforas conceptuais guiam o estabelecimento de metáforas lexicais.

3.1.1.9 Os valores fundamentais de uma cultura serão coerentes com a estrutura metafórica dos conceitos fundamentais dessa cultura.

3.1.2 Hipóteses Específicas

3.1.2.1 As realizações lingüísticas das metáforas conceptuais do Amor, no Português do Brasil, são sensíveis às determinações culturais sobre os discursos que as empregam.

3.1.2.2 A incidência das metáforas conceptuais e das metáforas lexicais é afetada pelo gênero textual empregado pelos falantes.

3.1.2.3 O Português do Brasil apresenta lexicalizações particulares das metáforas amorosas e, particularmente, da metáfora conceptual O AMOR É UMA VIAGEM CONJUNTA.

3.2 Metodologia

Para investigar as dimensões culturais das relações metafóricas e o grau de convencionalidade de sua realização lingüística, optamos por uma análise baseada em corpus, que permite descobrir quais expressões do domínio fonte metafórico são convencionalmente usadas para acionar o domínio alvo e quão frequentemente isto acontece com cada uma delas.

O corpus investigado no presente estudo é constituído de canções populares e é representativo de três gêneros: **sertanejo de raiz**, **breganejo** e **urbano**¹. Utilizamos a Internet para acessar dois *sites* especializados (www.letras.terra.com.br e www.violatropeira.com.br), dos quais procede o presente corpus.

A dimensão total do corpus é de 169.331 *tokens*, distribuídos em 1.199 textos, organizados por gênero, segundo a tabela abaixo:

Tabela 1: Dimensão e Distribuição do Corpus

GÊNEROS	SERTANEJO DE RAIZ					BREGA	URBANO	GERAL
	1ª GER.	2ª GER.	3ª GER.	4ª GER.	TOTAL			
Nº DE TEXTOS	10	182	109	61	362	531	306	1.199
Nº DE TOKENS	1.326	22.827	17.694	8.603	50.450	78.866	40.015	169.331
% DE TEXTOS	0,83 %	15,17 %	9,09 %	5,08 %	30,17%	44,28 %	25,52 %	100 %
% DE TOKENS	0,78 %	13,48 %	10,44 %	5,08 %	29,78%	46,57 %	23,63 %	100 %

A distribuição dos textos em gêneros é a dada nos *sites*, portanto a tomamos como parte do dado a investigar: embora haja no corpus razoável equilíbrio entre os gêneros urbano e de raiz, o gênero breganejo obtém uma hegemonia significativa, fato a merecer discussão em outro fórum. Aqui, nosso foco é a metáfora, sua realização no pensamento e na linguagem.

Nossa opção por trabalhar com canções decorre do desejo de investigar usos realmente convencionalizados e vernaculares. É do conhecimento comum que a lírica

¹ Os autores e intérpretes das canções que constituem o corpus deste estudo são: gênero sertanejo de raiz: João Pacífico, Raul Torres, Cascatinha e Inhana, Tonico e Tinoco, Palmeira e Biá, Vieira e Vieirinha, Teddy Vieira, Dino Franco, Tião Carreiro e Pardinho, Almir Sater, Goiano e Paranaense, Pena Branca e Xavantinho, Renato Teixeira, Rolando Boldrin, Zé Mulato e Cassiano; gênero breganejo: Bruno e Marrone, Daniel, Chico Rey e Paraná, Chitãozinho e Xororó, Rio Negro e Solimões; gênero urbano: Amado Batista, Dolores Duran, Noel Rosa, Antônio Maria, Legião Urbana, Chico Buarque e Lupicínio Rodrigues.

amorosa encontra expressão forte nas letras de músicas populares – e que estas servem, de fato, de discurso amoroso para a grande parte da população brasileira, menos letrada, ouvinte de rádio, expectadora da televisão.

As canções sertanejas de raiz foram organizadas em quatro gerações, as quais marcaram a evolução do gênero, embora sua pequena presença no corpus, especialmente de canções de primeira geração (incidência quase simbólica), dificulte uma análise diacrônica. Deste modo, por exemplo, a canção “Água que correu”, de Almir Sater, pertence à 4ª geração do cancioneiro sertanejo de raiz (AS AQC CSdR4ªG). A proposta de organizar o corpus, agrupando as canções de acordo com os momentos distintos da música popular brasileira, objetiva considerar, mesmo que tenuamente, a dispersão social e diacrônica presente.

A indexação dos textos que compõem o corpus é feita nesta ordem:

- (a) iniciais do autor da canção (ex: AS: Almir Sater);
- (b) iniciais do título da canção (ex: AQC: Água que correu);
- (c) sigla concernente ao tipo de cancioneiro e à geração na qual a canção se encontra (ex: CSdR 4ªG: cancioneiro sertanejo de raiz, 4ª geração);
- (d) números indicando os versos nas quais se encontram as expressões metafóricas;
- (e) número referindo-se à posição da música na seqüência ordenada dentro do cancioneiro.

Os mapeamentos metafóricos envolvendo o amor romântico foram identificados em 712 canções e organizados basicamente da seguinte forma:

- (1) metáforas lexicais: que oferecem a expressão metafórica no nível lingüístico;
- (2) metáforas conceptuais: que representam padrões gerais de mapeamentos convencionais entre domínios conceptuais, listados na literatura cognitivista sobre metáforas;
- (3) metáforas primárias: convocadas para estruturar metáforas conceptuais mais complexas.

O quadro abaixo é um demonstrativo de como esses mapeamentos metafóricos foram registrados no corpus. Cada metáfora (e respectivos mapeamentos) foram grifados em cor distintiva, que também identifica a expressão lingüística na canção considerada.

Quadro 1: Organização de Mapeamentos Metafóricos no Corpus.

<p>Amor Impossível Bruno e Marrone</p> <p>Composição: Zeferino e Aluisio Ferreira</p> <p>Da rua, vejo a lua seminua a brilhar, Ao seu lado, uma estrela sorradeira a piscar. Da lua, sinto a aura da estrela, O furor dos teus lábios sedutores, a delícia e o ardor. Menina, da rua te vejo na janela a sonhar, Singelos desejos doces, como doce é o teu olhar. Vem correndo pros meus braços, me deixas te namorar, Na contramão do destino, vamos juntos sem razão, Eu querendo, sem poder, conquistar teu coração.</p>	<p>BeM AI CSB 02,03 09</p> <p>Metáfora Conceptual: AMANTES SÃO ASTROS</p> <p>Mapeamentos Metafóricos: ESTRELA → AMANTE DO EGO AURA DA ESTRELA → ATRIBUTO DO AMANTE DO EGO</p> <p>BeM AI CSB 04 09</p> <p>Metáfora Conceptual: O AMOR É CALOR</p> <p>Mapeamento Metafórico: FONTE DE CALOR → AMANTE DO EGO QUEIMAR → AMAR</p> <p>BeM AI CSB 09,10 09</p> <p>Metáfora Conceptual: O AMOR É UMA VIAGEM CONJUNTA</p> <p>Mapeamentos Metafóricos: VIAJANTES → AMANTES VEÍCULO → RELACIONAMENTO CONTRAMÃO → DIFICULDADE PARA O MOVIMENTO</p> <p>BeM AI CSB 11 09</p> <p>Metáfora Conceptual: O AMOR É GUERRA</p> <p>Mapeamentos Metafóricos: GUERREIRO → AMANTE TERRITÓRIO A SER CONQUISTADO → CORAÇÃO DO AMADO</p> <p>BeM AI CSB 04,06 09</p> <p>Metáfora Conceptual: O AMOR É COMIDA</p> <p>Mapeamentos Metafóricos: ALIMENTO → AMANTE DO EGO PROPRIEDADES DOS ALIMENTOS → ATRIBUTOS DOS AMANTES</p>
--	--

O processo de identificação, descrição e categorização dos mapeamentos metafóricos foi efetuado manualmente, exigindo a leitura atenta de cada canção, já que ainda não dispomos de um aparato que produz automaticamente este tipo de análise semântica dos textos.

Uma vez coletadas as canções, recortamos no corpus aquelas que apresentavam metáforas amorosas, um total de 712 textos. Deste modo, 59,38% das canções analisadas apresentaram metáforas para o amor.

Em seguida, procedemos ao tratamento do corpus, demonstrado no quadro 1 acima, que nos permitiu identificar e quantificar as metáforas conceptuais presentes.

Buscando diminuir o grau de arbitrariedade que pudesse contaminar nossa identificação das metáforas conceptuais, recorreremos ao acervo de metáforas para o Amor, relacionadas no *site* www.sil.org/lingualinks/lexicon/MetaphorsInEnglish, elaborado por Eugene E. Loos, Dwight H. Day Jr., Paul C. Jordan e J. Douglas Wingate, reconhecido e referido por Lakoff em seu próprio *site* sobre metáforas². Tal referência toma como pressuposto a tese da TMC e da TNM de que as metáforas primárias são universais, e que as metáforas conceptuais serão recorrentes em grande número de usos lingüísticos e culturais.

² Complementing the terminology of metaphor presented in the Glossary of linguistic terms, a large collection of English conventional metaphors is presented here, with citations principally from Lakoff 1987, Johnson 1987, Kovecses 1986, and Lakoff and Johnson 1980. Though these are in fact English metaphors, they will be useful to linguistic research and translation in other languages to the extent that they are found to be universal, or to the extent that they are found to be held in common with other Indo-European languages because of genetic or areal influences.

Eugene Loos is an International Linguistic Consultant with the Summer Institute of Linguistics. He did field work in Peru from 1954 to 1984 on Capanahua (Panoan). He has served as the International Linguistics Coordinator. He received his Ph. D. in Linguistics from the University of Texas at Austin in 1967.

Dwight Day served as editor in the International Linguistics Department of the Summer Institute of Linguistics. He received an M. A. from the University of Virginia in 1967 and a second M. A. in Biblical Studies from St. Joseph College in Connecticut in 1973. Deceased 1996.

Paul Jordan is a member of the Summer Institute of Linguistics. He worked as a linguist/translator in Africa (in the Senegal-Gambia-Guinea Bissau Branch). He received a B. Sc. from the University of Florida in 1986.

Douglas Wingate was a member of the Summer Institute of Linguistics from 1986-1992. He received an M. A. in Linguistics from the University of Texas at Arlington in 1991.

Segue abaixo uma relação de metáforas conceptuais para o Amor, encontradas no

site supracitado:

LOVE IS A PATIENT
 LOVE IS A PHYSICAL FORCE
 LOVE IS BOND
 LOVE IS A CAPTIVE ANIMAL
 LOVE IS A COMMODITY
 LOVE IS FIRE
 LOVE IS A FLUID IN CONTAINER
 LOVE IS A HIDDEN OBJECT
 LOVE IS A INSANITY
 LOVE IS A JOURNEY
 LOVE IS MAGIC
 LOVE IS A NATURAL FORCE
 LOVE IS NUTRIENT
 LOVE IS A OPPONENT
 LOVE IS RAPTURE
 LOVE IS UNITY
 LOVE IS WAR
 LOVERS ARE DOVES
 BELOVED IS A APPETIZING FOOD
 BELOVED IS A DEITY
 BELOVED IS A VALUABLE OBJECT

A funcionalidade das metáforas primárias destacadas no corpus será demonstrada páginas à frente, quando tratarmos da estruturação de metáforas conceptuais complexas.

Tomamos como acervo de metáforas primárias o seguinte conjunto, postulado em Lakoff e

Johnson (1999, p. 50):

- AFEIÇÃO É CALOR
- IMPORTANTE É GRANDE
- FELICIDADE É PARA CIMA
- INTIMIDADE É PROXIMIDADE
- COISA RUIM CHEIRA MAL
- DIFICULDADES SÃO CARGAS
- MAIS É PARA CIMA
- CATEGORIAS SÃO CONTÊINERES
- SIMILARIDADE É PROXIMIDADE
- ESCALAS LINEARES SÃO CAMINHOS
- ORGANIZAÇÃO É ESTRUTURA FÍSICA
- AJUDAR É APOIAR (SUSTENTAR, SEGURAR)
- TEMPO É MOVIMENTO
- ESTADOS SÃO LOCAIS
- MUDANÇA É MOVIMENTO
- AÇÕES SÃO MOVIMENTOS AUTOPROPULSIONADOS
- PROPÓSITOS SÃO DESTINAÇÕES
- PROPÓSITOS SÃO OBJETOS DESEJADOS
- CAUSAS SÃO FORÇAS FÍSICAS
- RELACIONAMENTOS SÃO CLAUSURAS
- CONTROLE É PARA CIMA

- CONHECER É VER
- COMPREENDER É SEGURAR (AGARRAR, CAPTAR)
- VER É TOCAR

Dado o corpus com sua própria distribuição em gêneros, a listagem de metáforas conceptuais para o domínio AMOR, mais a listagem de metáforas primárias (ambas as listagens reconhecidas pela literatura especializada), passamos à identificação, análise e exemplificação de todas as expressões metafóricas do AMOR atestadas nas letras das canções.

3.3 Análise e Exemplificação das Metáforas Atestadas no Corpus

É a seguinte a lista das metáforas conceptuais para o AMOR atestadas no corpus:

O AMOR É UM RECURSO
 O AMOR É CALOR
 O AMOR É BRINCADEIRA
 O AMOR É UMA VIAGEM CONJUNTA
 O AMOR É MAGIA
 O AMOR É GUERRA
 O AMOR É DESTRUIÇÃO
 O AMOR É LOUCURA
 O AMOR É UMA VIAGEM A SÓS
 O AMOR É COMIDA
 O AMOR É PLANTAÇÃO
 O AMOR É PODER
 O AMOR É LUZ
 O AMOR É UM SONHO
 O AMOR É SALVAÇÃO
 O AMOR É INFORMAÇÃO
 O AMOR É DOENÇA
 O AMOR É HABITAÇÃO
 O AMOR É UM LÍQUIDO EM UM RECIPIENTE
 O AMOR É UNIÃO
 O AMOR É ARTE
 O AMOR É UM ANIMAL CATIVO
 O AMOR É VENENO
 O AMOR É PUNIÇÃO
 O AMOR É UMA FORÇA FÍSICA
 AMANTES SÃO ANIMAIS
 AMANTES SÃO CARROS
 AMANTES SÃO PLANTAS
 AMANTES SÃO ASTROS

Para analisar as metáforas atestadas no corpus, empregamos a notação proposta por Lakoff 2008:

- (i) O nome da metáfora refere-se à *gestalt* correspondente.
- (ii) As setas → identificam as conexões no circuito.
- (iii) Os sinais de igualdade = indicam as ligações de elementos da metáfora conceptual com elementos das metáforas primárias que a constituem.
- (iv) O enunciado “evoca” indica as metáforas primárias que compõem a metáfora conceptual em questão.

Apresentamos, na continuidade desta seção, as metáforas conceptuais atestadas, formalizadas segundo a notação proposta por Lakoff 2008 (que identifica as metáforas primárias constituintes) e a respectiva exemplificação no corpus.

Metáfora: O AMOR É UM RECURSO		
Domínio Fonte: RECURSO		
Domínio Alvo: AMOR		
Mapeamentos:	RECURSO VALIOSO	→ AMOR
	OBJETO DE VALOR	→ AMANTE DO EGO
	POSSUIDORES DO RECURSO	→ AMANTES
	TRANSFERÊNCIA DO RECURSO	→ EXPERIÊNCIA DO AMOR
	DURABILIDADE DO RECURSO	→ DURAÇÃO DO AMOR
	QUANTIDADE DE RECURSO	→ INTENSIDADE DO AMOR
	POSSUIR O RECURSO	→ AMAR
Evoca: Metáfora ATRIBUTOS SÃO POSSES, com:		
	POSSES = Ego.Fonte.RECURSO VALIOSO	
	ATRIBUTOS = Ego.Alvo.AMOR DO AMANTE	
Metáfora MUDANÇA É MOVIMENTO, com:		
	MOVIMENTO = Ego.Fonte.VIR A POSSUIR O RECURSO	
	MUDANÇA = Ego.Alvo.AMAR	

Exemplificação: *Que você de mim não lembra, e já tem um outro amor.* (TeT AA CSdR2ªG 11 35)
De que valeu eu ter amor, se eu já sei que não é minha. (TeT IM CSdR2ªG 02 49)
Se até hoje só lhe dei amor e fui seu amigo. (DF DAP CSd3ªG 03,04 04)
Seu amor tem outro dono. (TCeP TA CSdR3ªG 13 59)
O amor é meu, o coração é meu, de mão beijada entrego a quem quiser. (RB TPJ CSdR4ªG 01-03 06)
E quem estiver pensando que vai roubá-la de mim (BeM AL CSB 23,24 13)
Vai saber quem é o dono do amor que mora ali. (BeM AL CSB 07,08 13)
Que eu preciso esgotar meu estoque de amor (BeM MDTQÉS CSB 21-23 37)
Vem me dar seu amor. (BeM FE CSB 10 89)
Paguei caro meu amor. (RT CT CSdR1ªG 15,16 01)
Fiquei sabendo que ela estava no quarto, vendendo o amor que eu neguei. (ABNFJCEF CU 15 55)
Tu és rica de amor e pode gozá-lo. (TeT SdM CSdR2ªG 09 41)

Metáfora: O AMOR É UMA VIAGEM CONJUNTA			
Domínio Fonte: VIAGEM			
Domínio Alvo: AMOR			
Mapeamentos:	VIAJANTES	→	AMANTES
	VEÍCULO	→	RELACIONAMENTO
	DESTINAÇÕES	→	PROPÓSITOS
	OBSTÁCULOS PARA O MOVIMENTO	→	DIFICULDADES
	PROXIMIDADE	→	INTIMIDADE
Evoca: Metáfora PROPÓSITOS SÃO DESTINAÇÕES, com:			
	DESTINAÇÕES = Ego.Fonte.DESTINAÇÕES		
	PROPÓSITOS = Ego.Alvo.PROPÓSITOS		
Metáfora DIFICULDADES SÃO OBSTÁCULOS PARA O MOVIMENTO, com:			
	OBSTÁCULOS PARA O MOVIMENTO = Ego.Fonte.OBSTÁCULOS PARA O MOVIMENTO		
	DIFICULDADES = Ego.Alvo.DIFICULDADES		
Metáfora INTIMIDADE É PROXIMIDADE, com:			
	PROXIMIDADE = Ego.Fonte.PROXIMIDADE DOS VIAJANTES NO VEÍCULO		
	INTIMIDADE = Ego.Alvo.INTIMIDADE DOS AMANTES		
Metáfora UM RELACIONAMENTO É UM CONTÊINER, com:			
	CONTÊINER = Ego.Fonte.VEÍCULO		
	RELACIONAMENTO = Ego.Alvo.RELACIONAMENTO		

Exemplificação: *Mas o destino não quis que nosso amor fosse em frente.* (RB MdL CSdR4ªG 31,32 01)
Por quantos becos a gente passou... e as curvas que a gente derrapou. (D AA CSB 01-06 07)
Ando junto com você qualquer caminho. (D VDS CSB 05 12)

Metáfora: O AMOR É GUERRA

Domínio Fonte: GUERRA		
Domínio Alvo: AMOR		
Mapeamentos:	<p>GUERREIROS →</p> <p>ARMAS →</p> <p>CONQUISTAS →</p> <p>VENCER →</p> <p>CAMPO DE BATALHA/PRISÃO →</p> <p>SER APRISIONADO EM CATIVEIRO →</p>	<p>AMANTES</p> <p>ATRIBUTOS</p> <p>PROPÓSITOS</p> <p>SER AMADO</p> <p>RELACIONAMENTO</p> <p>AMAR</p>
Evoca: Metáfora ATRIBUTOS SÃO POSSES, com:		
	POSSES = Ego.Fonte.ARMAS	
	ATRIBUTOS = Ego.Alvo.ATRIBUTOS DOS AMANTES	
Metáfora PROPÓSITOS SÃO OBJETOS DESEJADOS, com:		
	OBJETOS DESEJADOS = Ego.Fonte.CONQUISTAS	
	PROPÓSITOS = Ego.Alvo.PROPÓSITOS	
Metáfora MUDANÇA É MOVIMENTO, com:		
	MOVIMENTO = Ego.Fonte.VENCER ou SER VENCIDO	
	MUDANÇA = Ego.Alvo.SER AMADO ou AMAR	
Metáfora UM RELACIONAMENTO É UM CONTÊINER, com:		
	CONTÊINER = Ego.Fonte.CAMPO DE BATALHA ou PRISÃO	
	RELACIONAMENTO = Ego.Fonte.RELACIONAMENTO	

Exemplificação: *A bala que mais mata é o desprezo do meu bem.* (TeT CL CSdR2^aG 13,14 13)
Eu querendo, sem poder, conquistar seu coração. (BeM AI CSB 09 09)
Eu tenho uma amiga... que sente, no espaço que ocupa, uma grande vitória. (CeX ETUA CSB 05-08 22)
Eu me sinto acorrentado em você. (BeM AEV CSB 22 05)
Tão apaixonado, fiquei trancado em seu alçapão. (BeM A CSB 05,06 06)
Cilada de amor que não tem saída. (BeM CdA CSB 05 18)

Metáfora: O AMOR É CALOR		
Domínio Fonte: CALOR		
Domínio Alvo: AMOR		
Mapeamentos:	<p>FONTES DE CALOR →</p> <p>QUEIMAR/AQUECER/DERRETER →</p>	<p>AMANTES</p> <p>AMAR</p>
Evoca: Metáfora AFEIÇÃO É CALOR, com:		
	CALOR = Ego.Fonte.CALOR	
	AFEIÇÃO = Ego.Alvo.AFEIÇÃO ENTRE OS AMANTES	
Metáfora MUDANÇA É MOVIMENTO, com:		
	MOVIMENTO = Ego.Fonte.COMBUSTÃO	
	MUDANÇA = Ego.Alvo.MUDANÇA	

Exemplificação: *Mas é mais ardente o calor do nosso amor.* (CeI VeCAdA CSdR2^aG 06 01)
Apague essa chama que me queima o coração. (CeI LC CSdR2^aG 03,04 09)

Metáfora: O AMOR É MAGIA		
Domínio Fonte: MAGIA		

Domínio Alvo: AMOR			
Mapeamentos:	FEITIÇO	→	AMOR
	FEITICEIRO	→	AMANTE DO EGO
	ENFEITIÇADO	→	AMANTE
	INGREDIENTES DO FEITIÇO	→	ATRIBUTOS
	SER ENFEITIÇADO	→	AMAR
Evoca: Metáfora PROPOSITOS SÃO OBJETOS DESEJADOS, com:			
	OBJETOS DESEJADOS = Ego.Fonte.FEITIÇO		
	PROPOSITOS = Ego.Alvo.AMOR		
Metáfora ATRIBUTOS SÃO POSSES, com:			
	POSSES = Ego.Fonte.INGREDIENTES DO FEITIÇO		
	ATRIBUTOS = Ego.Alvo.ATRIBUTOS DO AMADO		
Metáfora MUDANÇA É MOVIMENTO, com:			
	MOVIMENTO = Ego.Fonte.SER ENFEITIÇADO		
	MUDANÇA = Ego.Alvo.AMAR		

Exemplificação: *Aquela flor de açucena meu coração enfeitiçou.* (BeM MP CSB 12,13 40)

Aquele amor tão intenso enfraquecido se tornou, a magia daquilo tudo diminuta se tornou. (BeM CdF CSB 15-18 22)

Foi quando pude perceber aquele mundo de energia nos unindo um ao outro, como num passe de mágica. (BeM QETC CSB 03,04 49)

Metáfora: O AMOR É UMA VIAGEM A SÓS			
Domínio Fonte: VIAGEM			
Domínio Alvo: AMOR			
Mapeamentos:	VIAJANTE	→	AMANTE
	DESTINAÇÕES	→	AMADO
	OBSTÁCULOS PARA O MOVIMENTO	→	DIFICULDADES
	VEÍCULO	→	AMOR
	TRAJETÓRIA	→	EXPERIÊNCIA AMOROSA
Evoca: Metáfora PROPOSITOS SÃO DESTINAÇÕES, com:			
	DESTINAÇÕES = Ego.Fonte.AMADO		
	PROPOSITOS = Ego.Alvo.PROPOSITOS		
Metáfora DIFICULDADES SÃO OBSTÁCULOS PARA O MOVIMENTO, com:			
	OBSTÁCULOS PARA O MOVIMENTO = Ego.Fonte.OBSTÁCULOS PARA O		
MOVIMENTO	DIFICULDADES	= Ego.Alvo.DIFICULDADES	

Exemplificação: *Já não sou mais o seu ponto de chegada.* (RNeS PdC CSB 21 24)

Nas estradas dessa vida, tantos corações eu rodei. (D CEM CSB 25,26 11)

E todo amor é um barco... navegando de mansinho, nos braços de uma mulher. (RT APÉOEP CSdR4^aG 10-13 01)

Metáfora: O AMOR É LOUCURA	
Domínio Fonte: LOUCURA	

Domínio Alvo: AMOR		
Mapeamentos:	LOUCOS	→ AMANTES
	ENLOUQUECER	→ AMAR
Evoca: Metáfora MUDANÇA É MOVIMENTO, com:		
	MOVIMENTO	= Ego.Fonte.ENLOUQUECER
	MUDANÇA	= Ego.Alvo.AMAR

Exemplificação: *Teu amor me enlouquece.* (CeI EL CSdR2^aG 05 03)

É loucura amar assim como eu te amo. (CeI LA CSdR2^aG 04,05 12)

Metáfora: O AMOR É UMA PLANTAÇÃO		
Domínio Fonte: PLANTAÇÃO		
Domínio Alvo: AMOR		
Mapeamentos:	PLANTA	→ AMOR
	PLANTAÇÃO	→ RELACIONAMENTO
	CANTEIROS	→ CORPOS DOS AMANTES
	AGRICULTORES	→ AMANTES
	ADUBOS	→ ATRIBUTOS DOS AMANTES
	PLANTAR	→ AMAR
	FRUTO	→ CONSEQÜÊNCIA DO RELACIONAMENTO
Evoca: Metáfora UM RELACIONAMENTO É UM CONTÊINER, com:		
	CONTÊINER	= Ego.Fonte.PLANTAÇÃO
	RELACIONAMENTO	= Ego.Alvo.RELACIONAMENTO
Metáfora PROPÓSITOS SÃO OBJETOS DESEJADOS, com:		
	OBJETOS DESEJADOS	= Ego.Fonte.FRUTO
	PROPÓSITOS	= Ego.Alvo.CONSEQÜÊNCIA DO RELACIONAMENTO
Metáfora ATRIBUTOS SÃO POSSES, com:		
	POSSES	= Ego.Fonte.ADUBO
	ATRIBUTOS	= Ego.Alvo.ATRIBUTOS DOS AMANTES
Metáfora MUDANÇA É MOVIMENTO, com:		
	MOVIMENTO	= Ego.Fonte.PLANTAR
	MUDANÇA	= Ego.Alvo.AMAR

Exemplificação: *Sua barriga cresceu, fruto do nosso amor.* (D EN CSB 20 25)

De longe vieram teus pais pra nossa terra, semear o amor. (LR C CU 01,02 01)

Tinha mãos de jardineiro, quando tratava de amor. (CB N CU 02,03 06)

Metáfora: O AMOR É LUZ		
Domínio Fonte: LUZ		
Domínio Alvo: AMOR		

Mapeamentos:	FONTES DE LUZ →	AMANTES
	ILUMINAR →	AMAR
Evoca: Metáfora AFEIÇÃO É LUZ, com:		
	LUZ = Ego.Fonte.LUZ	
	AFEIÇÃO = Ego.Alvo.AFEIÇÃO ENTRE OS AMANTES	
Metáfora MUDANÇA É MOVIMENTO, com:		
	MOVIMENTO = Ego.Fonte.ILUMINAÇÃO	
	MUDANÇA = Ego.Alvo.AMAR	

Exemplificação: *Brilha um novo amor nos olhos seus.* (CB NA CU 02 41)
Você seria a luz da minha noite. (CeX G CSB 15 29)

Metáfora: O AMOR É UMA DOENÇA		
Domínio Fonte: DOENÇA		
Domínio Alvo: AMOR		
Mapeamentos:	PACIENTE →	AMANTE
	CURA →	AMADO
	MEDICAMENTOS →	ATRIBUTOS
	FICAR DOENTE →	AMAR
Evoca: Metáfora PROPÓSITOS SÃO OBJETOS DESEJADOS, com:		
	OBJETOS DESEJADOS = Ego.Fonte.CURA	
	PROPÓSITOS = Ego.Alvo.AMADO	
Metáfora MUDANÇA É MOVIMENTO, com:		
	MOVIMENTO = Ego.Fonte.FICAR DOENTE	
	MUDANÇA = Ego.Alvo.AMAR	
Metáfora ATRIBUTOS SÃO POSSES, com:		
	POSSES = Ego.Fonte.MEDICAMENTOS	
	ATRIBUTOS = Ego.Alvo.ATRIBUTOS DO AMADO	

Exemplificação: *Você é a minha vida, vitamina e cura.* (AB VEC CU 06,07 84)
Sinto uma dor no meu peito que só você pode curar (CeI P CSdR2^aG 15,16 25)
Meu tratamento será demorado, e eu terei repouso absoluto; mesmo curado, ficarei deitado, tomando um beijo a cada minuto. (TCeP MdA CSdR3^aG 17-20 02)
O meu remédio está nos seus lábios, só os seus beijos me devolvem a vida. (TCeP CdM CSdR3^aG 13,14 08)

Metáfora: O AMOR É UM SONHO		
Domínio Fonte: SONHO		
Domínio Alvo: AMOR		
Mapeamentos:	SONHADORES →	AMANTES
	SONHAR →	AMAR
Evoca: Metáfora MUDANÇA É MOVIMENTO, com:		
	MOVIMENTO = Ego.Fonte.SONHAR	
	MUDANÇA = Ego.Alvo.AMAR	

Exemplificação: *O que era um sonho virou solidão.* (AB TP CU 14 76)
Desmoronou meu castelo de areia, meus sonhos tão lindos de amor foram ao chão. (GeP TAAAdM CSdR4^aG 11,12 02)

Metáfora: O AMOR É COMIDA

Domínio Fonte: COMIDA		
Domínio Alvo: AMOR		
Mapeamentos:	SUJEITO QUE SE ALIMENTA	→ AMANTE
	ALIMENTO	→ AMADO
	PROPRIEDADES DOS ALIMENTOS	→ ATRIBUTOS DOS AMANTES
	COMER	→ AMAR
Evoca: Metáfora PROPÓSITOS SÃO OBJETOS DESEJADOS, com:		
	OBJETOS DESEJADOS = Ego.Fonte.ALIMENTO	
	PROPÓSITOS = Ego.Alvo.AMADO	
Metáfora ATRIBUTOS SÃO POSSES, com:		
	POSSES = Ego.Fonte.PROPRIEDADES DOS ALIMENTOS	
	ATRIBUTOS = Ego.Alvo.ATRIBUTOS DOS AMANTES	
Metáfora MUDANÇA É MOVIMENTO, com:		
	MOVIMENTO = Ego.Fonte.COMER	
	MUDANÇA = Ego.Alvo.AMAR	

Exemplificação: *A doçura de seus beijos em amargo se transformou.* (DF A CSdR3^aG 01,02 01)

Ai, ai, paixão... só quem provou o doce desse melado terá na boca o seu gosto eternizado. (RT I CSdR4^aG 07,08 03)

Não tem como te esquecer, se você é o pão de cada dia. (BeM CFSV CSB 03,04 21)

Vem, meu amor! Meu doce de coco adoçado. (JP DC CSdR1^aG 01,02 01)

Metáfora: O AMOR É SALVAÇÃO		
Domínio Fonte: SALVAÇÃO		
Domínio Alvo: AMOR		
Mapeamentos:	AQUELE EM QUEM SE CRÊ	→ AMADO
	AQUELE QUE CRÊ	→ AMANTE
	RITO	→ RELACIONAMENTO
	CRER	→ AMAR
Evoca: Metáfora UM RELACIONAMENTO É UM CONTÊINER, com:		
	CONTÊINER = Ego.Fonte.RITO	
	RELACIONAMENTO = Ego.Alvo.RELACIONAMENTO	
Metáfora MUDANÇA É MOVIMENTO, com:		
	MOVIMENTO = Ego.Fonte.CRER	
	MUDANÇA = Ego.Alvo.AMAR	

Exemplificação: *Tu vais ser minha santinha, quero ser teu oratório.* (TeT BA CSdR2^aG 15 10)

Você (...) é meu farol. (CeX MCdM CSB 15 35)

E seja o meu talismã. (AB MT CU 06 47)

Metáfora: O AMOR É UM LÍQUIDO EM UM RECIPIENTE		
Domínio Fonte: LÍQUIDO EM UM RECIPIENTE		
Domínio Alvo: AMOR		
Mapeamentos	LÍQUIDO	→ AMOR
	RECIPIENTES	→ AMANTES
	AUMENTAR O NÍVEL DO LÍQUIDO	→ AUMENTAR A QUANTIDADE DE AMOR
	QUANTIDADE DO LÍQUIDO	→ QUANTIDADE DE AMOR
	POSSUIR O LÍQUIDO	→ TER AMOR
Evoca: Metáfora CAUSAÇÃO NATURAL É UM MOVIMENTO PARA CIMA, com:		
	MOVIMENTO PARA CIMA = Ego.Fonte.AUMENTAR O NÍVEL DO LÍQUIDO	

CAUSAÇÃO NATURAL = Ego.Alvo.AUMENTAR A QUANTIDADE DE AMOR

Metáfora ATRIBUTOS SÃO POSSES, com:
 POSSES = Ego.Fonte.LÍQUIDO
 ATRIBUTOS = Ego.Alvo.AMOR

Metáfora PROPÓSITOS SÃO OBJETOS DESEJADOS, com:
 OBJETOS DESEJADOS = Ego.Fonte.POSSUIR O LÍQUIDO
 PROPÓSITOS = Ego.Alvo.TER AMOR

Exemplificação: *Seu sentimento me encheu de amor.* (BeM CdA CSB 26 18)

Sinto meu coração bombeando paixão, carregado de amor. (BeM MN CSB 16 38)

Foi sem querer que derramei toda a emoção, dissequei seu coração, me machuquei e te feri. (D DdA CSB 01,02 20)

E assim nossa vida é um rio secando, as pedras cortando, e eu vou perguntando: “Até quando?” (BeM GdA CSB 10,11 31)

De repente, uma enxurrada de paixão surgiu, minha fortaleza abalou, caiu. (D EdA CSB 03,04 24)

Metáfora: O AMOR É UM BRINQUEDO

Domínio Fonte: BRINCADEIRA

Domínio Alvo: AMOR

Mapeamentos:	JOGADORES	→	AMANTES
	BRINCADEIRA	→	RELACIONAMENTO
	BRINQUEDO	→	AMOR/AMANTE
	BRINCAR	→	AMAR

Evoca: Metáfora MUDANÇA É MOVIMENTO, com:
 MOVIMENTO = Ego.Fonte.VENCER
 MUDANÇA = Ego.Alvo.SER AMADO

Metáfora UM RELACIONAMENTO É UM CONTÊINER, com:
 CONTÊINER = Ego.Fonte.BRINCADEIRA
 RELACIONAMENTO = Ego.Fonte.RELACIONAMENTO

Exemplos: *Eu era um menino que vivia brincando de amor com você.* (D UGQV CSB 01,03 60)

Finja que agora eu era o seu brinquedo, eu era o seu pião, o seu bicho preferido. (CB JEM CU 19-21 18)

E esse amor de pingue-pongue, de pega-pega, de esconde-esconde. (BeM AdPP CSB 01,02 08)

Metáfora: O AMOR É DESTRUIÇÃO

Domínio Fonte: DESTRUIÇÃO

Domínio Alvo: AMOR

Mapeamentos:	OBJETOS DESTRUÍDOS	→	AMANTES/AMOR
	AGENTE DESTRUIDOR	→	RELACIONAMENTO
	SER DESTRUÍDO/PERDER O CONTROLE	→	AMAR

Evoca: Metáfora MUDANÇA É MOVIMENTO, com:
 MOVIMENTO = Ego.Fonte.SER DESTRUÍDO/PERDER O CONTROLE
 MUDANÇA = Ego.Alvo.AMAR

Exemplificação: *Nosso amor foi uma tempestade de verão.* (D CdE CSB 03 15)

Essa paixão é vendaval, me tira a paz, é confusão. (BeM I CSB 02 32)

Eu pensei que a minha base fosse bem mais forte, que não cairia fácil, mas eu me enganei. De repente, uma enxurrada de paixão surgiu, minha fortaleza se abalou, caiu. (D EdA CSB 01-04 24)

Foi ela que me arruinou, sou eu que vou ter que pagar. (CB EP CU 15 07)

O que era doce acabou, o que era inteiro quebrou, deixando em mim as ruínas. (CeX SCdV CSB 11,12 91)

O nosso amor se quebrou, se quebrou, se quebrou... (BeM SP CSB 05 64)

Metáfora: O AMOR É UNIÃO

Domínio Fonte: UNIÃO

Domínio Alvo: AMOR

Mapeamentos:

PARTES UNIDAS →

AMANTES

UNIR →

AMAR

Evoca: Metáfora INTIMIDADE É PROXIMIDADE, com:

Proximidade = Ego.Fonte.UNIÃO DAS PARTES

INTIMIDADE = Ego.Alvo.INTIMIDADE DOS AMANTES

Metáfora MUDANÇA É MOVIMENTO, com:

MOVIMENTO = Ego.Fonte.UNIR

MUDANÇA = Ego.Fonte.AMAR

Exemplificação: *A coisa melhor do mundo pra mim é estar juntinho de ti, meu amor, sentir o teu rosto roçar o meu. (CeI JdT CSdR2^aG 01-04 10)*

Quero ver-te novamente, amor querido, nos meus braços. (PeB DC CSdR2^aG 01,02 02)

Ela é mais que linda, tá me dando bola, tá parecendo grude, tá na minha cola. (BeM VDN CSB 08-11 67)

Sem ela, sou alguém pela metade. (D EM CSB 17 26)

Metáfora: O AMOR É UM ANIMAL CATIVO

Domínio Fonte: ANIMAL CATIVO

Domínio Alvo: AMOR

Mapeamentos:

ANIMAL CATIVO →

AMOR

ADESTRADORES →

AMANTES

CONTROLE DO ANIMAL →

CONTROLE DO AMOR

APRISIONAR →

AMAR

Evoca: Metáfora PROPÓSITOS SÃO OBJETOS DESEJADOS, com:

OBJETOS DESEJADOS = Ego.Fonte.CONTROLE DO ANIMAL

PROPÓSITOS = Ego.Alvo.CONTROLE DO AMOR

Metáfora MUDANÇA É MOVIMENTO, com:

MOVIMENTO = Ego.Fonte.APRISIONAR

MUDANÇA = Ego.Alvo.AMAR

Exemplificação: *Sou peão que não se entrega... o que me faz cair no chão é o amor de uma mulher.* (CeX 100%A CSB 24 01)
A paixão pulou com jeito e me deixou na areia. (RNeS SPNP CSB 03,04 30)

Metáfora: O AMOR É ARTE			
Domínio Fonte: ARTE			
Domínio Alvo: AMOR			
Mapeamentos:	ARTISTAS	→	AMANTES
	UMA OBRA DE ARTE	→	UM FILHO
	OFICINA	→	RELACIONAMENTO
	PRODUZIR ARTE	→	AMAR
Evoca: Metáfora PROPÓSITOS SÃO OBJETOS DESEJADOS, com:			
	OBJETOS DESEJADOS	= Ego.Fonte.OBRA DE ARTE	
	PROPÓSITOS	= Ego.Alvo.FILHOS	
Metáfora UM RELACIONAMENTO É UM CONTÊINER, com:			
	CONTÊINER	= Ego.Fonte.OFICINA	
	RELACIONAMENTO	= Ego.Alvo.RELACIONAMENTO	
Metáfora MUDANÇA É MOVIMENTO, com:			
	MOVIMENTO	= Ego.Fonte.PRODUZIR ARTE	
	MUDANÇA	= Ego.Alvo.AMAR	

Exemplificação: *Ele, o artesão, faz dentro dela a sua oficina. E ela, a tecelã, vai fiar, nas malhas do seu ventre, o homem de amanhã.* (CB PdM CU 17-21 19)
Quarto, meu teatro de amor, nesta cama uma flor eu morri de amar. (TCeP EdM CSdR3^aG 01,02 13)
Só sei que o amor é arte. (D EQTF CSB 17 29)

Metáfora: O AMOR É UM VENENO			
Domínio Fonte: VENENO			
Domínio Alvo: AMOR			
Mapeamentos:	ENVENENADOS	→	AMANTES
	ANTÍDOTO	→	RECIPROCIDADE DO SENTIMENTO
	ÓRGÃOS INOCULADORES DE VENENO	→	ATRIBUTOS
	SER ENVENENADO	→	AMAR
Evoca: Metáfora PROPÓSITOS SÃO OBJETOS DESEJADOS, com:			
	OBJETOS DESEJADOS	= Ego.Fonte.ANTÍDOTO	
	PROPÓSITOS	= Ego.Alvo.RECIPROCIDADE DO SENTIMENTO AMOROSO	
Metáfora ATRIBUTOS SÃO POSSES, com:			
	POSSES	= Ego.Fonte.ÓRGÃOS INOCULADORES DE VENENO	
	ATRIBUTOS	= Ego.Alvo.ATRIBUTOS DOS AMANTES	
Metáfora MUDANÇA É MOVIMENTO, com:			

MOVIMENTO = Ego.Fonte.SER ENVENENADO
 MUDANÇA = Ego.Alvo.AMAR

Exemplificação: *O amor, eu bem sei, já provei: é um veneno medonho.* (CB VdA CU 12,13 22)

Uma cabocla do mato, que tanto mal tem me feito, uma olhada me deu, foi um veneno perfeito. (D CV CSB 05-08 13)

Eu hoje tô no veneno, tô querendo te ver. (D MPQS CSB 06 33)

Este teu corpo de pele morena me envenena de excitação. (AB VEC CU 03,04 84)

Boneca cobiçada das noites de sereno, teu corpo não tem dono, teus lábios têm veneno. (PeB BC CSdR2^aG 17-20 01)

Esta caboclinha linda tem um veneno no olhar, é um veneno que atrai, faz a gente apaixonar. (GeP CdS CSdR4^aG 17-20 01)

Fui beber do veneno gostoso em seus olhos, pra me apaixonar. (RNeS TDDDES CSB 11,12 31)

Metáfora: O AMOR É UMA FORÇA FÍSICA

Domínio Fonte: FORÇA FÍSICA

Domínio Alvo: AMOR

Mapeamentos:	PÓLOS ATRATIVOS	→	AMANTES
	FORÇA ATRATIVA	→	FORÇA DO AMOR
	ATRAIR	→	AMAR

Evoca: Metáfora INTIMIDADE É PROXIMIDADE, com:

PROXIMIDADE = Ego.Fonte.ATRAÇÃO DOS PÓLOS

INTIMIDADE = Ego.Alvo.INTIMIDADE DOS AMANTES

Metáfora MUDANÇA É MOVIMENTO, com:

MOVIMENTO = Ego.Fonte.ATRAIR

MUDANÇA = Ego.Fonte.AMAR

Metáfora CAUSAS SÃO FORÇAS FÍSICAS, com:

FORÇAS FÍSICAS = Ego.Fonte.FORÇA ATRATIVA

CAUSAS = Ego.Alvo.FORÇA DO AMOR

Exemplificação: *Meu corpo chega a dar um choque só de pensar eu me enroscando nela.* (BeM CB CSB 16,17 20)

Foi quando pude perceber aquele mundo de energia nos unindo um ao outro. (BeM QETC CSB 03,04 49)

Amor é um ímã que acontece de repente. (RNeS SM CSB 19,20 29)

Metáfora: O AMOR É INFORMAÇÃO

Domínio Fonte: INFORMAÇÃO

Domínio Alvo: AMOR

Mapeamentos:	PROCESSADORES DE INFORMAÇÃO	→	AMANTES
	SÍMBOLOS	→	ATRIBUTOS
	PROCESSAR INFORMAÇÃO	→	AMAR

Evoca: Metáfora ATRIBUTOS SÃO POSSES, com:

POSSES = Ego.Fonte.SÍMBOLOS

ATRIBUTOS = Ego.Alvo.ATRIBUTOS DOS AMANTES

Metáfora MUDANÇA É MOVIMENTO, com:

MOVIMENTO = Ego.Fonte.PROCESSAR INFORMAÇÃO

MUDANÇA = Ego.Alvo.AMAR

Exemplificação: *Lágrimas, pura linguagem do amor.* (BeM CAR CSB 11 75)

Se já não faço parte da sua história, se já me deletou da memória. (BeM CdNA CSB 05,06 78)

Não vai ser fácil de me esquecer; você é um livro que só eu sei ler, pois tive tempo de te decorar. (CReP SQT D CSB 23-25 13)

E assim, minha alma esperava a tua... como uma lição que eu queria saber. (D EQLdM CSB 05,12 23)

Metáfora: O AMOR É PUNIÇÃO

Domínio Fonte: PUNIÇÃO

Domínio Alvo: AMOR

Mapeamentos:

PUNIDO	→	AMANTE
PUNIDOR	→	AMADO
SESSÃO DE TORTURA	→	RELACIONAMENTO
SER PUNIDO	→	AMAR

Evoca: Metáfora UM RELACIONAMENTO É UM CONTÊINER, com:

CONTÊINER = Ego.Fonte.SESSÃO DE TORTURA

RELACIONAMENTO = Ego.Alvo.RELACIONAMENTO AMOROSO

Metáfora MUDANÇA É MOVIMENTO, com:

MOVIMENTO = Ego.Fonte.SER PUNIDO

MUDANÇA = Ego.Fonte.AMAR

Exemplificação: *Me sinto pregado em você, que já é minha cruz.* (RNeS NML CSB 10 21)

Marcou minha vida, me pegou de açoitete, deixou no meu corpo as marcas do amor. (CeX RPC CSB 12-15 52)

Fui processado por amor, e amar é o meu castigo. (AB PPA CU 16,17 65)

Metáfora: O AMOR É HABITAÇÃO

Domínio Fonte: HABITAÇÃO

Domínio Alvo: AMOR

Mapeamentos:

MORADIA	→	CORPO DO AMANTE
MORADOR	→	AMADO
SER HABITADO	→	AMAR

Evoca: Metáfora INTIMIDADE É PROXIMIDADE, com:

PROXIMIDADE = Ego.Fonte.ESTAR DENTRO DO AMANTE

INTIMIDADE = Ego.Alvo.INTIMIDADE DOS AMANTES

Metáfora MUDANÇA É MOVIMENTO, com:

MOVIMENTO = Ego.Fonte.SER HABITADO

MUDANÇA = Ego.Alvo.AMAR

Exemplificação: *Com a chave da paixão, tranqüilamente vai e volta, entra e abre a porta do meu coração.* (CeX BdSF CSB 01,02,10-12 10)

Sem me pedir, chegou assim e se alojou dentro de mim... e me ensinou o que é o amor. (CeX ÉAQT A CSB 01-04 71)

Metáfora: O AMOR É PODER

Domínio Fonte: PODER			
Domínio Alvo: AMOR			
Mapeamentos:	MONARCAS	→	AMANTES
	RELAÇÃO DE PODER	→	RELACIONAMENTO
	EXERCER O PODER	→	AMAR
Evoca: Metáfora MUDANÇA É MOVIMENTO, com:			
	MOVIMENTO = Ego.Fonte.EXERCER O PODER		
	MUDANÇA = Ego.Alvo.AMAR		

Exemplificação: *Você faz tudo que eu gosto, quando se deita comigo; quando a luz se apaga, sou um rei.* (D CQC CSB 01-03 14)
Agora eu era o rei... E você era a princesa que eu fiz coroar. (CB JEM CU 10,14,15 18)
Você é tudo que eu quis, meu amor, minha rainha, com você me sinto um rei. (AB MR CU 11-13 48)
Não tenho ouro para oferecer a esta princesa... Eu sei que pra ser dono de uma princesa, precisa riqueza pra sentar no trono. (TCeP P CSdR3^aG 06,10,11 56)

Metáfora: OS AMANTES SÃO PLANTAS			
Domínio Fonte: PLANTAS			
Domínio Alvo: AMANTES			
Mapeamentos:	PLANTAS	→	AMANTES
	CARACTERÍSTICAS DAS PLANTAS	→	ATRIBUTOS DOS AMANTES
Evoca: Metáfora ATRIBUTOS SÃO POSSES, com:			
	POSSES = Ego.Fonte.CARACTERÍSTICAS DAS PLANTAS		
	ATRIBUTOS = Ego.Alvo.ATRIBUTOS DOS AMANTES		

Exemplificação: *Naquela primavera, conheci esta rosa em botão, eu por ela fiquei dominado e senti uma louca paixão.* (CReP TB CSB 03,04 01)
Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas, secam por seus maridos, orgulho e raça de Atenas. (CB MdA CU 01,02 16)

Metáfora: OS AMANTES SÃO ANIMAIS			
Domínio Fonte: ANIMAIS			
Domínio Alvo: AMANTES			
Mapeamentos:	ANIMAIS	→	AMANTES
	CARACTERÍSTICAS DOS ANIMAIS	→	ATRIBUTOS
Evoca: Metáfora ATRIBUTOS SÃO POSSES, com:			
	POSSES = Ego.Fonte.CARACTERÍSTICAS DOS ANIMAIS		
	ATRIBUTOS = Ego.Alvo.ATRIBUTOS DOS AMANTES		

Exemplificação: *Eu, de dia, sou sua flor. Eu, de noite, sou seu cavalo.* (CB SA CU 15,16 17)
Beija-flor que beija a rosa se despede do jardim, assim fez o meu amor, quando despediu de mim. (TeT CL CSdR2^aG 25,26 13)
Que meu coração lhe sirva um dia de invernada. (AS I CSdR4^aG 15,16 09)

Metáfora: OS AMANTES SÃO ASTROS			
Domínio Fonte: ASTROS			
Domínio Alvo: AMANTES			

Mapeamentos:	ASTROS →	AMANTES
	PROPRIEDADES DOS ASTROS →	ATRIBUTOS
Evoca: Metáfora ATRIBUTOS SÃO POSSES, com:		
	POSSES = Ego.Fonte.PROPRIEDADES DOS ASTROS	
	ATRIBUTOS = Ego.Alvo.ATRIBUTOS DOS AMANTES	

Exemplificação: *Estrela cadente que caiu do céu... você apareceu tão de repente.* (BeM RdL CSB 03,05 53)
Ai, Maria, meu lago azul, meu sol de paz. (CeX AM CSB 11,12 05)

Metáfora: OS AMANTES SÃO CARROS		
Domínio Fonte: CARROS		
Domínio Alvo: AMANTES		
Mapeamentos:	CARROS →	AMANTES
	PEÇAS E ACESSÓRIOS →	ATRIBUTOS
	ACELERAR FORTE →	AMAR
Evoca: Metáfora ATRIBUTOS SÃO POSSES, com:		
	POSSES = Ego.Fonte.PEÇAS E ACESSÓRIOS	
	ATRIBUTOS = Ego.Alvo.ATRIBUTOS DOS AMANTES	
Metáfora MUDANÇA É MOVIMENTO		
	MOVIMENTO = Ego.Fonte.ACCELERAR FORTE	
	MUDANÇA = Ego.Alvo.AMAR	

Exemplificação: *Eu tenho paixão por carro, como tenho por mulher, são duas máquinas quentes... E é por isso que acelero bem forte o meu coração... Conheço um par de olhos que parecem dois faróis... A sua pele é tão linda, mais parece uma pintura... Ponho a chave no contato, começo a fazer loucura.* (D CEM CSB 03,07,08,17,18,21-23 11)

3.4 Distribuição no Corpus das Metáforas Conceptuais Atestadas

A análise dos dados revelou 1.490 expressões metafóricas do AMOR, distribuídas em 712 textos (208 no cancionero de raiz, 342 no breganejo e 162 no urbano).

A tabela abaixo demonstra a incidência das metáforas conceptuais amorosas no corpus.

Tabela 2: Incidência das Metáforas Conceptuais Amorosas Complexas

METÁFORAS CONCEPTUAIS DO AMOR	CANCIONEIRO GERAL						URBANO	GERAL
	SERTANEJO					BREGA		
	DE RAIZ							
	1ºG	2ºG	3ºG	4ºG	TOTAL			
O AMOR É UM RECURSO	03	35	29	09	76	146	90	312
O AMOR É GUERRA	-	13	11	07	31	68	42	141
O AMOR É CALOR	-	07	07	13	27	72	27	126

O AMOR É LOUCURA	01	05	02	04	12	50	16	78
AMANTES SÃO PLANTAS	-	27	09	03	39	17	14	70
O AMOR É COMIDA	03	04	03	02	12	38	15	65
O AMOR É DOENÇA	-	07	11	01	19	27	12	58
O AMOR É LUZ	-	06	02	03	11	30	17	58
AMANTES SÃO ANIMAIS	01	06	07	05	19	26	08	53
O AMOR É UM SONHO	-	04	03	03	10	32	10	52
O AMOR É UMA PLANTAÇÃO	-	14	05	04	23	18	08	49
O AMOR É UMA VIAGEM CONJUNTA	-	05	01	05	11	22	15	48
O AMOR É MAGIA	-	04	03	02	09	23	10	42
O AMOR É UMA VIAGEM A SÓS	-	03	01	08	12	25	05	42
O AMOR É UM LÍQUIDO EM UM RECIPIENTE	-	08	03	03	14	22	05	41
O AMOR É SALVAÇÃO	-	04	06	01	11	19	09	39
AMANTES SÃO ASTROS	-	03	02	02	07	21	07	35
O AMOR É PODER	-	01	07	-	08	11	10	29
O AMOR É HABITAÇÃO	02	01	03	03	09	13	06	28
O AMOR É UMA BRINCADEIRA	-	02	01	01	04	12	03	19
O AMOR É DESTRUIÇÃO	-	-	02	02	04	10	02	16
O AMOR É UNIÃO	-	03	01	-	04	10	02	16
O AMOR É INFORMAÇÃO	-	-	02	02	04	08	04	16
O AMOR É ARTE	-	02	02	01	05	02	07	14
O AMOR É VENENO	-	01	-	-	01	07	03	11
O AMOR É UM ANIMAL CATIVO	-	01	01	01	03	07	-	10
O AMOR É PUNIÇÃO	-	02	-	-	02	04	03	09
O AMOR É UMA FORÇA FÍSICA	-	01	-	-	01	05	03	09
AMANTES SÃO CARROS	-	-	-	-	-	04	-	04
TOTAL	10	169	124	85	388	749	353	1.490

A próxima tabela oferece-nos, além da incidência bruta de cada metáfora, sua frequência por gênero. Assim, por exemplo, a metáfora mais freqüente no corpus (O AMOR É UM RECURSO), em suas 312 ocorrências, ocorre 24,4% no cancionero de raiz, 46,8% no cancionero breganejo e 28,8% no cancionero urbano.

A última coluna da tabela exhibe a representatividade da metáfora (expressa pelo seu percentual de incidência) no conjunto total das metáforas atestadas.

Tabela 3: Descrição e Percentual Global e Distribuído de Ocorrências de Metáforas Conceptuais Amorosas Complexas

METÁFORAS CONCEPTUAIS DO AMOR	CANCIONEIRO GERAL						TOTAL DE CADA METÁFORA	PERCENTUAL NO ACERVO DAS METÁFORAS
	SERTANEJO				URBANO			
	DE RAIZ		BREGANEJO		UN	FREQ. POR GÊNERO		
UN	FREQ. POR GÊNERO	UN	FREQ. POR GÊNERO					
O AMOR É UM RECURSO	76	24,4%	146	46,8%	90	28,8%	312	20,9%
O AMOR É GUERRA	31	21,9%	68	48,2%	42	29,8%	141	9,5%
O AMOR É CALOR	27	21,4%	72	57,1%	27	21,4%	126	8,5%
O AMOR É LOUCURA	12	15,4%	50	64,1%	16	20,5%	78	5,2%
AMANTES SÃO PLANTAS	39	55,7%	17	24,3%	14	20,0%	70	4,7%
O AMOR É COMIDA	12	18,5%	38	58,5%	15	23,1%	65	4,4%
O AMOR É DOENÇA	19	32,8%	27	46,6%	12	20,7%	58	3,9%
O AMOR É LUZ	11	18,9%	30	51,7%	17	29,3%	58	3,9%
AMANTES SÃO ANIMAIS	19	35,8%	26	49,1%	08	15,1%	53	3,6%
O AMOR É UM SONHO	10	19,2%	32	61,5%	10	19,2%	52	3,5%
O AMOR É UMA PLANTAÇÃO	23	46,9%	18	36,7%	08	16,3%	49	3,3%
O AMOR É UMA VIAGEM	11	22,9%	22	45,8%	15	31,3%	48	3,2%

CONJUNTA								
O AMOR É MAGIA	09	21,4%	23	54,8%	10	23,8%	42	2,8%
O AMOR É UMA VIAGEM A SÓS	12	28,6%	25	59,5%	05	11,9%	42	2,8%
O AMOR É UM LÍQUIDO EM UM RECIPIENTE	14	34,1%	22	53,7%	05	12,2%	41	2,8%
O AMOR É SALVAÇÃO	11	28,2%	19	48,7%	09	23,1%	39	2,6%
AMANTES SÃO ASTROS	07	20,0%	21	60,0%	07	20,0%	35	2,3%
O AMOR É PODER	08	27,6%	11	37,9%	10	34,5%	29	1,9%
O AMOR É HABITAÇÃO	09	32,1%	13	46,4%	06	21,4%	28	1,9%
O AMOR É UMA BRINCADEIRA	04	21,1%	12	63,2%	03	15,8%	19	1,3%
O AMOR É DESTRUIÇÃO	04	25,0%	10	62,5%	02	12,5%	16	1,1%
O AMOR É UNIÃO	04	25,0%	10	62,5%	02	12,5%	16	1,1%
O AMOR É INFORMAÇÃO	04	25,0%	08	50,0%	04	25,0%	16	1,1%
O AMOR É ARTE	05	35,7%	02	14,3%	07	50,0%	14	0,9%
O AMOR É VENENO	01	9,1%	07	63,6%	03	27,3%	11	0,7%
O AMOR É UM ANIMAL CATIVO	03	30,0%	07	70,0%	-	-	10	0,7%
O AMOR É PUNIÇÃO	02	22,2%	04	44,4%	03	33,3%	09	0,6%
O AMOR É UMA FORÇA FÍSICA	01	11,1%	05	55,6%	03	33,3%	09	0,6%
AMANTES SÃO CARROS	-	-	04	100%	-	-	04	0,3%
TOTAL	388		749		353		1.490	100%

A consideração da Tabela 3 apresenta alguns fatos que assinalam variações socioculturais nas escolhas metafóricas:

(i) A metáfora que é, de longe, a mais freqüente no corpus, O AMOR É UM RECURSO, apresenta uma distribuição entre os gêneros (24/46/28%) que é homóloga à constituição dos gêneros em *tokens* (29/46/23%): a forte presença desta metáfora (a conceptualização do AMOR COMO PROPRIEDADE), indicativa da sua importância no universo cultural brasileiro, a torna, entretanto, genérica a ponto de não distinguir entre os três gêneros de textos.

(ii) As metáforas AMANTES SÃO PLANTAS e O AMOR É UMA PLANTAÇÃO obtêm distribuição diferenciada no cancionero de raiz, incidindo neste subcorpora com quase o dobro de participação deste acervo de textos no conjunto global de *tokens* (56/29% e 47/29%, respectivamente). Note-se, correlativamente, que a metáfora O AMOR É UMA PLANTAÇÃO tem uma presença reduzida no cancionero urbano (16/23%): a participação da metáfora é aproximadamente 50% inferior ao que se poderia esperar, dada a participação relativa do cancionero urbano no total de *tokens*.

(iii) Também é interessante a incidência da metáfora AMANTES SÃO ANIMAIS, forte nos cancioneiros de raiz e breganejo e atenuada no cancionero urbano (36/29%; 49/46%; 15/23%, respectivamente). Esta tendência é acelerada na metáfora O AMOR É UM ANIMAL CATIVO, que logra incidência zero no cancionero urbano: tal metáfora tem, entretanto, baixa incidência no corpus como um todo (apenas 0,7% do conjunto total de metáforas verificadas).

- (iv) Há algumas metáforas O AMOR É UNIÃO, O AMOR É DESTRUIÇÃO, O AMOR É UMA BRINCADEIRA, O AMOR É UMA FORÇA FÍSICA, que, embora com baixa incidência no corpus total, ocorrem com absoluta predominância no gênero breganejo (62; 62; 63; 55%, respectivamente).
- (v) As metáforas para o AMOR como VIAGEM, muito mais frequentes, comparativamente, ocorrem também de forma expressiva no gênero breganejo: O AMOR É UMA VIAGEM CONJUNTA tem uma realização nos três gêneros equilibrada com a distribuição deles em *tokens* no corpus total; no caso de O AMOR É UMA VIAGEM A SÓS, 59% de incidência verifica-se no gênero breganejo.

Considerando a distribuição global de incidências das metáforas, é significativo que aproximadamente um quinto de todas as metáforas amorosas (20%) conceptualizem o AMOR como PROPRIEDADE. A rigor, três metáforas (O AMOR É UM RECURSO, O AMOR É GUERRA e O AMOR É CALOR) respondem por 40% de todas as metáforas ocorrentes no corpus. A metáfora O AMOR É UMA VIAGEM CONJUNTA é a décima segunda colocada, pouco mais de 3% de incidência global.

O fato de que o corpus empregue vinte e nove diferentes metáforas com distribuição bastante desigual (como já dito, vinte e seis metáforas respondem por sessenta por cento dos usos metafóricos no corpus) reforça a assertiva, central nos textos lakoffianos,

de que as experiências humanamente mais relevantes tendem a ser conceptualizadas de formas muito diversificadas.

Não obstante a prevalência observada das metaforizações do AMOR como PROPRIEDADE, como GUERRA e como CALOR, ocorrem muitas outras conceptualizações, enriquecendo a compreensão e a comunicação deste domínio que, literalmente, é constituído apenas por duas únicas funções temáticas (o AMANTE e o AMADO). É a elucidação das características desta relação (como APROPRIAÇÃO ou como DÁDIVA, como GUERRA ou como BRINCADEIRA, como CALOR, como LUZ ou como MAGIA) que oferecerão aos usuários da linguagem um entendimento mais satisfatório da situação que as letras das músicas tratam de evocar.

3.5 O AMOR É UMA VIAGEM CONJUNTA

Embora esta não seja a metáfora mais freqüente no corpus, trata-se, com certeza, da metáfora mais ilustre – aquela que tem recebido dos textos lakoffianos uma atenção continuada e cuidados cumulativos de refinamento na notação. Eis porque escolhemos focar nesta metáfora a análise de lexicalização de sua expressão lingüística.

O quadro abaixo representa os elementos ontológicos estruturantes do *frame* VIAGEM que são projetados metaforicamente no domínio da Relação Amorosa. Focamos as realizações lexicais do VEÍCULO/RELACIONAMENTO, dos VIAJANTES/AMANTES e da TRAJETÓRIA/HISTÓRIA DA RELAÇÃO empregadas nas quarenta e oito incidências desta metáfora em nosso corpus.

Quadro 2: Expressões Lexicais no Domínio Fonte Metafórico e Motivações Culturais Refletidas

EXPRESSÕES LEXICAIS NO DOMÍNIO FONTE METAFÓRICO	TIPOS DE VEÍCULO
<ul style="list-style-type: none"> - E as curvas que a gente derrapou - Mas essa engatou de jeito, trucado de amor não sai - Na contramão do destino, vamos juntos sem razão - Vou pegar carona num rabo de saia e provar o gosto de outra paixão 	Automóvel
<ul style="list-style-type: none"> - Vamos navegar entre os navios no horizonte a se perder - Porque cruzamos muitos mares e caminhos 	Embarcação
<ul style="list-style-type: none"> - Estou perdido sem as rédeas dos seus braços - Me abraça, minha vida, me leva em teu cavalo, e logo no paraíso chegaremos 	Animal de montaria
<ul style="list-style-type: none"> - Quando um homem chega ao fim da linha e vê que seu amor desembarcou 	Trem de ferro
<ul style="list-style-type: none"> - Vamos flutuar em um balão que sobrevoa o amanhecer 	Balão
<ul style="list-style-type: none"> - E subir, navegar nesse amor, nas estrelas, pousar na estação do amor 	Nave espacial
<ul style="list-style-type: none"> - Num avião de beijos, eu vou te levar pra felicidade 	Avião
EXPRESSÕES LEXICAIS NO DOMÍNIO FONTE METAFÓRICO	TIPOS DE VIAJANTES
<ul style="list-style-type: none"> - Ao teu lado, feliz vou caminhando - No passo da estrada, só faço andar, tenho o meu amado a me acompanhar - Não sei caminhar sem ter você junto a mim, parece que estou assim, com os dois pés amarrados - De mãos dadas, caminhando no infinito - Ando junto com você qualquer caminho - Caminhamos juntos, lado a lado, por amor - Já conheço os passos dessa estrada, sei que não vai dar em nada - Ela foi me levando pela mão, íamos tontos assim, ao léu - Meu coração está desgarrado sem seus passos - Nossos rastros deixados como flores que secaram no chão do nosso passado 	Caminhantes
<ul style="list-style-type: none"> - E as curvas que a gente derrapou - Mas essa engatou de jeito, trucado de amor não sai - Na contramão do destino, vamos juntos sem razão - Vou pegar carona num rabo-de-saia e provar o gosto de outra paixão 	Passageiros de um automóvel
<ul style="list-style-type: none"> - Vamos navegar entre navios no horizonte a se perder - Porque cruzamos muitos mares e caminhos 	Navegantes
<ul style="list-style-type: none"> - Vamos flutuar em um balão que sobrevoa o amanhecer 	Balonistas

- E subir, navegar nesse amor, nas estrelas, pousar nessa estação do amor - Num avião de beijos, eu vou te levar pra felicidade	Tripulantes
- Quando um homem chega ao fim da linha e vê que seu amor desembarcou	Passageiros de um trem
- Estou perdido sem as rédeas dos seus braços - Me abraça, minha vida, me leva em teu cavalo	Cavalgantes
- Vem, vamos voando, minha Madalena.	Seres que voam
EXPRESSÕES LEXICAIS NO DOMÍNIO FONTE METAFÓRICO	TIPOS DE TRAJETÓRIA
- Longas estradas que um dia foram por nós percorridas - Deus me tirou de uma estrada proibida, ela foi embora e o destino quis assim - Que a minha estrada é a sua estrada - Numa estrada colorida, o grande amor da minha vida se entregava ao meu amor - No passo da estrada, só faço andar, tenho meu amado a me acompanhar - Irá de novo clarear a nossa estrada, quando você se decidir voltar pra mim - Já conheço os passos dessa estrada, sei que não vai dar em nada - Nossa estrada era tão longa, já não existe mais - Em que atalho eu lhe perdi? - E as curvas que a gente derrapou	Estrada
- Vamos flutuar em um balão que sobrevoa o amanhecer	Espaço aéreo
- Vamos navegar entre navios no horizonte a se perder - Porque cruzamos muitos mares e caminhos	Mar
- Quando um homem chega ao fim da linha e vê que seu amor desembarcou	Ferrovias
- Na contramão do destino, vamos juntos sem razão - Por quantos becos a gente passou	Rua/Avenida
- De mãos dadas, caminhando no infinito e pra sempre desfrutando desse amor	Infinito
- E subir, navegar nesse amor, nas estrelas, pousar nessa estação do amor	Espaço sideral

Quantificamos as ocorrências destas expressões na Tabela 4, abaixo:

Tabela 4: Descrição e Quantificação de Tipos de Motivações Culturais Concernentes à Metáfora AMOR É UMA VIAGEM CONJUNTA.

TIPOS DE VEÍCULO	Qtd.
AUTOMÓVEL	04
EMBARCAÇÃO	02
ANIMAL DE MONTARIA	02
TREM DE FERRO	01
BALÃO	01
NAVE ESPACIAL	01
AVIÃO	01
NÃO MENCIONA O TIPO DE VEÍCULO	36
TOTAL	48
TIPOS DE VIAJANTES	
Qtd.	
CAMINHANTES	11
PASSAGEIROS DE UM AUTOMÓVEL	04
NAVEGANTES	02
CAVALGANTES	02
TRIPULANTES	02
BALONISTAS	01
PASSAGEIROS DE TREM	01
SERES QUE VOAM	01
NÃO MENCIONA O TIPO DE VIAJANTES	24
TOTAL	48
TIPOS DE TRAJETÓRIA	
Qtd.	
ESTRADA	10
MAR	02
RUA/AVENIDA	02
ESPAÇO AÉREO	01
FERROVIA	01
INFINITO	01
ESPAÇO SIDERAL	01
NÃO MENCIONA O TIPO DE TRAJETÓRIA	30
TOTAL	48

Os dados apresentados no Quadro 2 e na Tabela 4 apontam duas características:

- (i) que é claramente predominante a **evocação da metáfora em termos macro**, sem detalhamento das categorias de nível básico, que realizam os mapeamentos ontológicos: esta característica confirma a observação de Lakoff 1993, p. 231-35; em 48 incidências, aproximadamente 60% das expressões deixam de mencionar o tipo de PERCURSO, de VIAJANTE ou de VEÍCULO;
- (ii) que, quando especificados em seu domínio fonte, **os AMANTES viajam predominantemente a pé, por uma estrada ou por uma rua**: a presença do automóvel, tão destacada na exemplificação lakoffiana, é pouco maior que a da embarcação ou do animal de montaria; esta característica confirma a observação de Kövecses 1999 que as diferentes culturas realizarão de formas diferentes a conceptualização do AMOR COMO VIAGEM.

As presentes observações ressaltam que, não obstante a relevância cognitiva da representação metafórica dos Eventos como Movimento, presente em tantas dimensões da nossa vida (e da nossa expressão lingüística, inclusive gramaticalizada), o fato é que a conceptualização do Amor na lírica popular demonstra a prevalência de outras metáforas. E mesmo quando O AMOR É UMA VIAGEM CONJUNTA, os poetas sertanejos, breganejos e urbanos visualizam seu deslocamento a pé – muito mais de acordo com a realidade do povo brasileiro, para quem só recentemente o automóvel se tornou um bem de consumo acessível.

4. CONCLUSÕES

O presente estudo das metáforas do Amor no cancionário popular brasileiro nos revela a vigorosa presença da conceptualização metafórica para tratar vernacularmente desta emoção, tão fundamental à nossa experiência como seres humanos.

Sessenta por cento dos textos constituintes do nosso corpus apresentam metáforas amorosas, distribuídas em vinte e nove diferentes mapeamentos – o que ilustra a abundância desta conceptualização em variados domínios (muitos dos quais contraditórios: GUERRA/BRINCADEIRA; DESTRUIÇÃO/SALVAÇÃO; ANIMAIS/PLANTAS; PLANTAÇÃO/ARTE).

Tendo em vista a esquematicidade frugal da conceptualização literal do *frame* AMOR, e tendo em vista a nossa necessidade humana de evocá-lo na riqueza de seu impacto em nossas vidas, podemos dizer que o tratamento lírico do Amor na canção brasileira cumpre o que a teoria lakoffiana da metáfora promete: domínios abstratos da experiência chegam à cognição e à sua expressão discursiva através da nossa vivência concreta de outras

experiências, pessoais e comunitárias, que, pelo seu caráter basilar e partilhado, tornam a subjetividade comunicável.

A destacar aí a presença expansiva de “outra” grande metáfora para Eventos (EVENTOS SÃO OBJETOS: Lakoff e Johnson 1999, p. 195-201) ou das generalizações kövecseanas de que EMOÇÕES SÃO CALOR/SÃO UM LÍQUIDO NUM RECIPIENTE. Nestes mapeamentos reencontramos os fundamentos universalizantes da Teoria da Metáfora Conceptual – o que não é surpreendente já que como seres humanos, portadores da mesma herança biológica, devemos esperar convergências em nossas experiências do mundo e de nós mesmos.

Por outro lado, a distribuição distintiva no gênero sertanejo de metáforas como O AMOR É PLANTAÇÃO, AMANTES SÃO PLANTAS, AMANTES SÃO ANIMAIS indicam-nos que a vida social é matriz importantíssima das conceptualizações metafóricas mais praticadas.

A par disso, o fato de que o AMOR COMO VIAGEM CONJUNTA tenha presença menos importante entre os brasileiros do que entre os americanos talvez (mas isso seria assunto de outra pesquisa) se deve ao fato de que DESLOCAMENTOS ESPACIAIS no imaginário brasileiro tenham um caráter menos épico do que a Marcha para o Oeste americano ou seja menos importante para nós o papel de autodescoberta que os intelectuais americanos apostam *on the road*.

De toda forma, o AMOR COMO VIAGEM CONJUNTA confirma a hipótese de Svanlund de que é necessário estudar empiricamente a relação entre metáfora conceptual e metáfora lexical: no nosso caso, a lexicalização no Português do Brasil desta metáfora lhe empresta características diferenciais em relação às análises lakoffianas.

O presente trabalho, na sua modéstia, confirma as grandes hipóteses de Lakoff e de Johnson sobre a função epistemológica da metáfora em nossa vida mental e social. O fato

de que estudos sucessores tenham vindo a cobrar destas hipóteses mais precisão em seus enunciados descritivos e em sua ambição explicativa não lhes subtrai o vigor originário.

O fato definidor é que as metáforas constituem a cognição. Não há cognição sem metáforas. Sem metáforas, não há discurso. Pelo que parece, não é possível nem mesmo amar sem metáforas. Mesmo que nem sempre o AMOR SEJA UMA VIAGEM CONJUNTA.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANASTÁCIO, Ricardo. Disponível: site VIOLA TROPEIRA (19 fev. 2004).

URL: <http://www.violatropeira.com.br>. Consultado em 03 de ago. 2007.

BARCELONA, Antonio. The cognitive theory of metaphor and metonymy. In: Antônio Barcelona. *Metaphor and metonymy at the crossroads: a cognitive perspective*. Berlin - New York : Mouton de Gruyter. 2003a. 1-28.

BARCELONA, Antonio. On the plausibility of claiming a metonymic motivation for conceptual metaphor. In: op. cit. p, 31-58

FAUCONNIER, Giles. e Mark Turner. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books, 2002.

FELDMAN, Jerome A. *From Molecules to Metaphors: a neural theory of language*. Cambridge, Ma: Bradford MIT Press, 2006.

GALLESE, Vittorio e George Lakoff. The brain's concepts: the role of the sensory motor system in conceptual knowledge. *Cognitive Neuropsychology*, v. 21. 2005.

GIBBS, Ray. Taking metaphor out of our heads and putting it into the cultural world. In: Ray Gibbs e Gerald Steen (Eds), *Metaphor in cognitive linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 1999, p. 145-166.

KÖVECSES, Zoltan. Metaphor: does it constitute or reflect cultural models? In: Ray Gibbs e Gerald Steen (Eds), *Metaphor in cognitive linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 1999, p. 167-188.

LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

_____. The contemporary theory of metaphor. In: Andrew Ortony. *Metaphor and thought*. 2nd ed. New York: Cambridge University Press, 1993. p. 202-251.

_____. The neuroscience of form in art. In Mark Turner (Ed) *The artful mind*. Oxford : Oxford University Press. 2006 p. 153-169.

_____. The neural theory of metaphor. In Ray Gibbs (ed) *The metaphor handbook*. Oxford : Oxford University Press, 2008.

LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago : Chicago University Press, 1980.

_____. *Metáforas da vida cotidiana*. (coordenação da tradução: Mara Sophia Zanotto) – Campinas, SP : Mercado de Letras; São Paulo : Educ, 2002.

_____. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.

LOOS, Eugene E. et alii. Disponível em <http://www.sil.org/lingualinks/lexicon/MetaphorsInEnglish>. Consultado em: novembro. 2007.

MARTINS, Helena. Palavras de Sensação. In: Neusa S. Miranda e Cristina M. Name (orgs) *Linguística e cognição*. Juiz de Fora : Universidade Federal de Juiz de Fora, 2005. p. 309-324.

ORTONY, Andrew. Metaphor, language and thought. In Andrew Ortony, op. cit. p. 1-16.

SVANLUND, Jan. Metaphor and convention. In: *Cognitive linguistics*. Berlin – New York : Mouton de Gruyter, 2007. v.18, p. 47-90.

TERRA.COM – Letras de músicas. Disponível em <http://www.letras.terra.com.br/>. Acesso em: ago.–set. 2007.

ANEXO

Seguem abaixo expressões concernentes à conceptualização do amor enquanto uma viagem conjunta, depreendidas do corpus investigado no presente estudo.

- Sair procurando de olhos fechados um novo caminho. (CeI I CSdR2^aG 17,18 08)
- E os anos foram passando, e também nossos filhos surgindo, e você vendo passar os anos, sempre alegre, contente, sorrindo, dando a mim o prazer e o conforto de ter uma fiel companheira. (CeI MC CSdR2^aG 13,14 16)
- Ao teu lado, feliz vou caminhando. (CeI ST CSdR2^aG 15 31)
- Longas estradas que um dia foram por nós percorridas (TeT MdT CSdR2^aG 27 31)
- Os nossos rastros deixados como flores que secaram no chão do nosso passado. (TeT MdT CSdR2^aG28-30 31)
- Deus me tirou de uma estrada proibida. (TCeP RP CSdR3^aG 15 30)
- Vamos flutuar em um balão que sobrevoa o amanhecer. (AS MS CSdR4^aG 07 10)
- Vamos navegar entre os navios no horizonte a se perder. (AS MS CSdR4^aG 10 10)
- Mas o destino não quis que o nosso amor fosse em frente. (RB MdL CSdR4^aG 31,32 01)
- Quando um homem chega ao fim da linha e vê que seu amor desembarcou. (RT HNC CSdR4^aG 01,02 10)
- Sem querer, ficou para trás, quem um dia amei demais não está mais do meu lado. (BeM AVDN CSB 04,05 04)
- Na contramão do destino, vamos juntos sem razão. (BeM AI CSB 08 09)
- Estou perdido sem as rédeas dos seus braços. (BeM CdC CSB 05 23)
- Que a minha estrada é a sua estrada. (BeM D CSB 11 25)
- Nosso caminho já não tem outra saída. (BeM AVPdC CSB 37 69)
- Numa estrada colorida, o grande amor da minha vida se entregava ao meu amor. (BeM FMF CSB 18-20 87)
- Se estamos juntos, se somos felizes, vamos em frente. (CeX 40e20 CSB 15-17 02)
- No passo da estrada, só faço andar, tenho meu amado a me acompanhar (CeX A CSB 20-22 07)
- Por onde for, quero ser seu par. (CeX A CSB 24 07)

- Virou rotina, só lembranças, nos perdemos no caminho. (CeX CeC CSB 08 12)
- Vou pegar carona num rabo de saia. (CeX LG CSB 08,09 33)
- Não sei caminhar sem ter você junto a mim... parece que estou assim, com os dois pés amarrados. (CeX SCdV CSB 24-26 91)
- Em que atalho eu o perdi? (RNeS MT CSB 02 17)
- De mãos dadas, caminhando no infinito e pra sempre desfrutando desse amor. (CReP LPTDQETA CSB 16,17 08)
- Só você poderá levar-me por caminhos que não tenham espinhos e nem escuridão. (CReP SV CSB 11,12 14)
- Por quantos becos a gente passou. (D AA CSB 03 07)
- E as curvas que a gente derrapou. (D AA CSB 05 07)
- Ando junto com você qualquer caminho. (D VDS CSB 05 12)
- Porque cruzamos muitos mares e caminhos. (D UMdF CSB 23 35)
- A gente encontra o caminho. (D P CSB 34 41)
- Não, eu não vou te tocar, eu não vou me trair, se pra nós dois não existe a menor condição de seguir viagem. (D PD CSB 03,04 43)
- Irá de novo clarear a nossa estrada, quando você se decidir voltar pra mim. (D RM CSB 15 53)
- Dos nossos planos é que eu tenho mais saudade, quando olhávamos juntos na mesma direção. (LU VNL CU 09,10 02)
- Mesmo que tenhamos planejado um caminho diferente (LU MA CU 09 04)
- Caminhamos juntos, lado a lado, por amor. (LU MA CU 15 04)
- Já conheço os passos dessa estrada, sei que não vai dar em nada. (CB REBEP CU 01,02 05)
- Você vai me seguir aonde quer que eu vá. (CB VVMS CU 01,02 14)
- Ela foi me levando pela mão, íamos tontos assim, ao léu. (CB PEEPEE CU 05,06 25)
- Quando sabemos que aqui termina nossa viagem. (CB NB CU 16 46)
- Nossa estrada era tão larga, já não existe mais. (AB CSAM CU 04,05 13)
- E subir, navegar nesse amor, nas estrelas, pousar nessa estação do amor. (AB EdA CU 11,12 28)
- Me abraça minha vida, me leva em teu cavalo, e logo no paraíso chegaremos. (AB NCNQ CU 12-14 54)
- Num avião de beijos, eu vou te levar pra felicidade. (AB OP CU 13,14 61)
- Mas essa engatou de jeito, trucado de amor não sai. (D CEM CSB 31,32 11)
- E, quando um homem já está de partida, da curva da vida ele vê que o seu caminho não foi um caminho sozinho. (CB MC CU 25-27 32)
- Foi tão bonito você me emprestar a vida assim, ver que eu não tinha saída e seguir por onde eu vim. (CB NB CU 14,15 46)
- Meu coração está desgarrado sem seus passos. (BeM CdC CSB 03 23)
- Vem, vamos voando, minha Madalena. (AB NCNQ CU21 54)